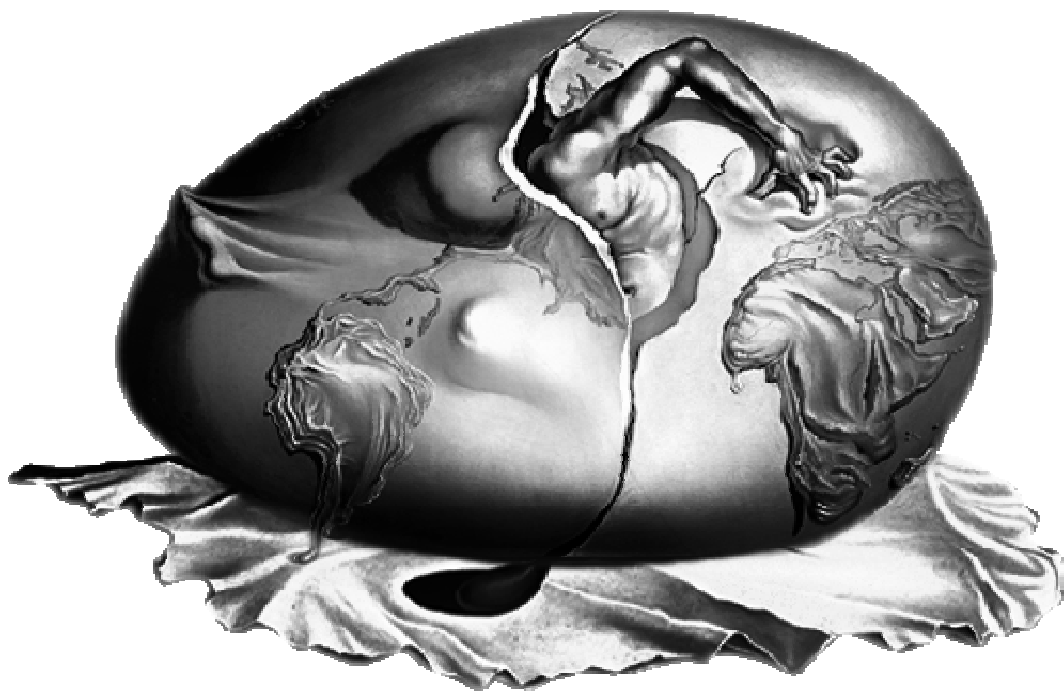


BOLETIM *PRESENÇA*

ANO II, nº 04, 1995



U N I R

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA-UNIR
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
LABORATÓRIO DE GEOGRAFIA HUMANA
CENTRO DO IMAGINÁRIO SOCIAL

BOLETIM

Ano 1 nº4 - outubro/1994

Publicação Bimestral

APROVADO PELO CONSEPE/UNIR
RESOLUÇÃO Nº 0122/1994

Editor: Josué da Costa Silva

Equipe de Redação:
Josué da Costa Silva;
Maria das Graças Nascimento;
Dorisvalder Dias Nunes;
Fabiola Lins Caldas

Conselho Editorial:
Josué da Costa Silva;
Alberto Lins Caldas;
Nilson Santos;
Sandra Hahn

As matéria Assinadas são de responsabilidade de seus
autores

As matérias devem ser entregues até a terceira quinzena
do bimestre da edição, contendo no máximo 10 (dez)
laudas, editadas em Editor Word for Windows ou
compatíveis e entregues preferencialmente em disquetes
de 3 1/2"

Tiragem 300

Endereço:
Caixa Postal 1420 - Porto Velho/Ro.
Cep 78.900-970

Pede-se Permuta

NESTE NÚMERO:

EDITORIAL 02

ESPAÇO ABERTO
A Mulher no Cangaço
Alberto Frederico Lins 03

Mito e Preservação Ambiental
Josué da Costa Silva 10

Educação e Capitalismo
Alberto Lins Caldas 14

Retalhos de uma Discussão Ambiental
Dorisvalder Dias Nunes 17

Novas Faces da Escola Nova no Brasil
Nilson Santos 22

Bancos de Dados sócio-Econômico: Uma
Proposta.
Sérgio Rivero 28

A Cidade: Virtualidades e Dinâmicas
Maria de Fátima Rodrigues 32

RESENHA BIBLIOGRÁFICA
Sociedade, Religião e Ciência
Arneide BandeiraCemin 35

ESPAÇO DO ESTUDANTE:
Nelson Rodrigues e o Buraco da Fechadura
Fabiola Lins Caldas 40

ESPAÇO POLÊMICA:
Por Uma Ciência Libertadora
Everaldo Quilice Gonzales
Ene Glória da Silveira 43

EDITORIAL

Não é tempo de brincadeiras: de um lado os que compreendem a Universidade como um lugar de criação, de reformulação, de vital existência, coagulação essencial de espírito e cultura; do outro os compro/metidos com o continuísmo de segundo grau, com uma idéia de Universidade como um imenso colégio, adestrando "mão de obra" burra e incapaz, rindo de tudo que não seja cargos e meandros do poder.

Manter-se num passado que defende estas últimas idéias é abdicar de sermos criadores de gerações, em favor de uma concepção tão estreita de educação que confunde sempre a sala de aula com um circo em plena decadência.

Os dados de 1991 que avaliam as Universidades do País, colocam a UNIR entre as últimas. Precisamos ter claro que estes critérios como outros, são passíveis de críticas e contestações. Este em particular, restringe seu instrumental de avaliação à qualificação docente e ainda ignora o tempo de atuação e a realidade em que cada Universidade está inserida.

Em nosso caso, uma Universidade recente, localizada no norte do País, que vivenciou mais de oitenta por cento de seu tempo de existência sob o regime intervencionista, que sobrevive às custas dos duodécimos federais, onde não há uma política de incentivo à manutenção dos professores que se qualificam (muitos após concluírem seus estudos com liberação da Universidade, preferem não retornar). Logicamente, que seremos a última Universidade do País e vítimas de uma "retroalimentação". Não há saída aparente, apenas o fim apresenta-se no horizonte.

Mas não seria este o projeto que as forças políticas destinam à Educação brasileira? É este o destino que queremos para a nossa Universidade? É esta passividade e aceitação que a sociedade espera que tenhamos?

É necessário termos coragem para tomarmos uma iniciativa e vencermos o marasmo e a modorra que nos arrasta.

O fato de estarmos "longe de tudo", de não contarmos com muitos recursos, de termos que enfrentar constantemente as "mentes de segundo grau", não é desculpa para a falta de pesquisa, publicações, cursos, debates e criação viva.

Esta é a nossa Universidade, e a nossa realidade. É o nosso local de trabalho. Temos o compromisso de enfrentar as contradições e conflitos que aqui existem e buscar soluções.

Lutar contra a maré, superar as dificuldades para podermos criar livremente, o que deveria ser a vivência acadêmica, é a meta do Centro do Imaginário Social.

O número quatro de nosso **Boletim**, depois de obviamente termos parteado (com muita dor) três números, é a prova de um trabalho autônomo e livre, que acontece através de uma concepção de Universidade que põe antes e apesar de tudo, o trabalho, a pesquisa, o debate e a publicação como condição essencial para o ensino universitário.

Este número representa um passo significativo do Centro do Imaginário Social na consolidação de um debate científico na universidade, estamos criando um novo espaço intitulado "Polêmica", destinado à artigos que pretendam realizar um diálogo crítico com artigos anteriormente publicados.

Acreditamos que um espaço como este contribua para o fortalecimento do do papel social e histórico que temos com o rigor acadêmico e com o debate pluralista.

Atitudes como esta deverão sempre encontrar eco no Centro do Imaginário Social, pois a opção pela criação passa necessariamente pelo debate consequente.

ESPAÇO ABERTO

A MULHER NO CANGAÇO

ALBERTO FREDERICO LINS*

Resumo:

O desbravador inculto, agreste, topa a primeira índia preada, escondida no fundo da palhoça, a morenidade capitolosa a brilhar de suor, o olhar medroso seguindo-lhe os movimentos. Aproxima-se-lhe. A medo, afaga-lhe a cabeleira retinta, de fios grossos, ásperos; a nuca forte e os ombros roliços e palpitantes. Repentinamente, despindo-se do derradeiro vestígio civilizado, urrando quase, atira-se à mulher, cavando nela a frustração incompreendida de anos de abstinência forçada; a fome antiga da carne morna entresonhada à luz das fogueiras. E o mais notável e significativo na formação de nosso povo; da meta-raça brasílica do pensamento sociológico de Gilberto Freire, é que essa mulher indígena vai aceitá-lo tal como é, amá-lo e dar-lhe filhos. Esquentá-los nas friorentas noites do sertão. Alimentar-lhe a fome devoradora, preparando-lhe os melhores pratos da pobre cozinha regional. E traí-lo também, quando o tempo passar demasiado e a distância esfriar-lhe o ardor saudoso. Então essa mulher brasileira trairá mais do que as irmãs civilizadas, num primitivo regabofe de desejos refreios. A índia tupi, que sedimenta na descendência as mulheres do sertão, na sua natureza livre, despejada de preconceitos igualitários impossíveis, deleita-se com outros homens, rudimentar, natural, simples, despida dos ensinamentos religiosos coercitivos da mulher trabalhada pelo progresso e hipocrisias culturais, que a sujeitam, revoltando-a.

Palavras-Chave: Mulher e Frustração.

Abstract:

The desbravador uncultured, rural, meets the first Indian preada, hidden in the bottom of the thatched hut, the morenidade capitolosa to shine of perspiration, the fearsome glance following him/her the movements. Approximate-if-him. To fear, it caresses him/her the hair retinta, of threads thick, rough; the strong nape and the shoulders roliços and beating. Suddenly, undressing of the last civilized vestige, urrando almost, throws her to the woman, digging in her the misunderstood frustração of years of forced abstinence; the old hunger of the meat lukewarm entresonhada to the light of the bonfires. And the more notable and significant in the formation of our people; of the goal-race brasílica of Gilberto Freire's sociological thought, it is that that indigenous woman will accept him/it just as you/he/she is, to love him and to give him/her children. To warm up them in the sensitive to cold nights of the interior. To feed him/her the devouring hunger, preparing him/her the poor best plates cooks regional. And to also betray him, when the time passes too much and the distance to cool him/her the longing ardor. Then that Brazilian woman will betray more than the civilized sisters, in a primitive regabofe of desires refreios. The Indian tupi, that forms sediment in the descent the women of the interior, in your free nature, despejada of impossible equalitarian prejudices, is delighted with other men, rudimentary, natural, simple, naked of the woman's coercive religious teachings worked by the progress and cultural hypocrisies, that they subject her, rioting her.

Key-Words: Woman and Frustração.

Quando o Brasil começou a ser povoado, os pioneiros, solitários, sentiram-se desestimulados para o combate desigual com a natureza. Ao frio, ao cansaço, à insônia persistente e ao medo-à-toa antepunham, somente, a coragem e a ganância. Pensavam enriquecer rapidamente e rapidamente voltar ao Reino, aos vales e serranias minhotas e transmontanas, para gastar com as maiatas d'aldeia o parco quinhão de sacrifícios. Mas ao chegar no sertão bravio das Gerais e do São Francisco, conheciam, então, toda a magnitude da sua desolação e abandono. A vaqueiragem da Casa da Torre, a olhar os horizontes sem fim, colmados de arvoredos verdejantes, recuava, sem ânimo de enfrentá-los sozinhos, mergulhando mais e mais naquelas terras misteriosas e intermináveis. Aboiavam as reses, cobertos de *poira*; a pele, curtida pelo soalheiro e rasgada nos espinhais eriçados; o olhar incendiado a procurar o pouso, a doce amenidade dos ranchos e dos juazeiros solitários. Mas, sempre sozinhos, derivavam na conversa a angústia que sentiam, na distração do jogo, e, por vezes, nalguma briga feroz, a saudade martirizante de anseios que não sabiam bem o que fosse. Uma tortura indefinível norteava-lhes as almas rudes, fazendo-os cismar, como se o "cafard" dos varões africanos os ensandecesse, obcecasse e tornasse dementes. E esse tormento do homem ignorante era mais perigoso e terrível do que o tédio do homem culto. Este distrai-se amiúde, mas o grosseiro não, maginando por dá cá uma palha, num motum contínuo avassalador.

Certo dia, então, desbravador inculto, agreste, topa a primeira índia preada, escondida no fundo da palhoça, a morenidade capitosa a brilhar de suor, o olhar medroso seguindo-lhe os movimentos. Aproxima-se-lhe. A medo, afaga-lhe a cabeleira retinta, de fios grossos, ásperos; a nuca forte e os ombros roliços e palpitantes. Repentinamente, despindo-se do derradeiro vestígio civilizado, urrando

quase, atira-se à mulher, cavando nela a frustração incompreendida de anos de abstinência forçada; a fome antiga da carne morna entresonhada à luz das fogueiras. E o mais notável e significativo na formação de nosso povo; da meta-raça brásilica do pensamento sociológico de Gilberto Freire, é que essa mulher indígena vai aceitá-lo tal como é, amá-lo e dar-lhe filhos. Esquentá-los nas friorentas noites do sertão. Alimentar-lhe a fome devoradora, preparando-lhe os melhores pratos da pobre cozinha regional. E traí-lo também, quando o tempo passar demasiado e a distância esfriar-lhe o ardor saudoso. Então essa mulher brasileira trairá mais do que as irmãs civilizadas, num primitivo regabofe de desejos refreios. A índia tupi, que sedimenta na descendência as mulheres do sertão, na sua natureza livre, despejada de preconceitos igualitários impossíveis, deleita-se com outros homens, rudimentar, natural, simples, despida dos ensinamentos religiosos coercitivos da mulher trabalhada pelo progresso e hipocrisias culturais, que a sujeitam, revoltando-a. Muita vez, tombava sob o punhal de caça do bandeirante, que o ciúme daquela carne fremente cegava ao ponto de torná-lo assassino por ela. Essa criatura natural vencia pela submissão e o sensualismo. Maria do Espírito Santo Arcoverde prendeu Jerônimo de Albuquerque menos pelo dever de fidalgo do que pela vida solta no interior do lar. João Ramalho foi outro que sentiu a força animal dessa fraqueza morena, que enlçava o mais rebelde, conquistava o mais corajoso e vencia o mais indiferente dos homens. Sertanistas, bandeirantes, colonos, aventureiros, todos tinham nas índias o seu repouso, a tranquila escora das lides e conquistas. Uma mulher, na solidão do planalto central e nas vastidões amazônicas valia o tesouro dos Incas. Era o produto mais caro da colônia. E assim, valorizada e preferida, veio até o começo deste século, mãe geratriz da raça, caldeada na dor e no sofrimento, de que somos os herdeiros.

E se os homens incultos, desataviados e singelos do interior procuravam nas índias as companheiras para o trabalho constante e o prazer raro, nas salas buscavam as negras, e, nos engenhos próximos da capital, começavam a surgir os primeiros rebentos daqueles que seriam a ponte de ligação entre as três raças constitutivas de nosso povo. E para o sertão distante foram esses mestiços e cafusos que levaram, tangendo as suas boiadas, as avós dessas mulheres fortes, trágicas, realistas, que deram ao mundo sertanejo o seu "status" de guerra permanente, de dignidade absoluta e de coragem sem par. Foram essas criaturas, nascidas do sofrimento e da humilhação; essas netas da senzala e da ocará, que geraram os homens que transformaram a tragédia sertaneja numa saga de glória, de coragem, de despreendimento, hoje de reconhecimento universal. No canto de dor que, atravessando nossas fronteiras no romance, no conto, no teatro e no filme, impressiona a sociologia contemporânea. Todo o drama de nossa gente aí foi interpretado por essas mulheres admiráveis, mães e amantes, sem a falsa independência com que, no litoral, frustram-se os desejos de suas irmãs de sina. Canudos na magnitude do drama brutal, foi, em resumo simplista que o "brasilianista" não entende, o fruto do amor clandestino de uma mulher. O Conselheiro é produto de desgosto íntimo. E, em virtude disto, a nossa Tróia de barro ensanguentou quatro anos de História do país.

E no cangaço foram elas sem igual. Quando o cinema de Lima Barreto e Gláuber Rocha fixou-se na história dinâmica da luta social no Nordeste, no interior do Brasil, esqueceu de fazer crescer a figura da mulher do cangaceiro, preferindo mostrar os homens em ação nos recontros ferozes, sem salientar aquela que, muitas vezes, remuniciava o seu fuzil, enchia-lhe o cantil e morria-lhe nos braços. E, na mesma maneira que o cinema, a maioria dos escritores e tetrólogos que se debruçaram sobre as

tragédias dos sertões. Parecia que somente os homens haviam imortalizado a legenda guerrilheira, nos plainos e chapadões requeimados pelo sol e angústia sem lenitivo. Parecia que só lutavam e morriam os homens injustiçados e ensandecidos pelo ódio à lei, a morderem o pó na blasfêmia derradeira. Esqueciam, os romancistas do cangaço, que o rebelde só ia para a caatinga matar e ser morto, porque sofrera a injustiça do mais forte da pessoa da filha, da noiva, da mulher, da amante. Raríssimamente ia por outro motivo. Ângelo Roque, procurando o juiz de direito para reclamar do defloramento de sua irmã menor por um soldado, teve como resposta que procurasse uma irmã do militar e fizesse o mesmo. Horas mais tarde, tocaiando o soldado e matando-o, o rapazinho Ângelo Roque transformava-se no cangaceiro Labareda, dos mais terríveis da saga do cangaço.

A mulher, quer como amante, quer como esposa, sempre foi uma constante na vida do cangaceiro nos anos derradeiros. Passar-se-ia sem tudo, menos sem a esperança de, no primeiro pouso seguro, acasalar-se, encostar-se, aquecer-se à mulher fiel, recompensando-se das misérias, das fomes, das andanças e das sedes terríveis. E esta criatura, morena, magra, curtida no dia a dia de necessidades sem fim; desvestida das belezas e atavios e enfeites e perfumes de suas irmãs do agreste e do litoral, servia-lhes ao amor brutal e ruidoso, com carinho e ternura retribuindo-lhes os afagos grosseiros, os gemidos altos e sufocando-lhes os anseios e frustrações entre os braços fortes e as cabeleiras fartas. Em mais de uma noite de frio intenso; o frio cortante e gélido do sertão; o frio que corre entre os macambirais dentro do vento que fustiga a própria alma; o frio que enregela e brune a pele, ressecando-a, doloroso e persistente; em mais de uma noite, repito, o cangaceiro encostou-se à mulher amada, que lhe servia de cobertor, abraçando-o e protegendo-lhe a carne palpitante. Mergulhão e Jararaca,

que enfrentavam a punhal grupos inteiros de soldados, achegavam-se a essas mulheres maternais, a ferocidade do homem injustiçado aquietada pelo desejo de segurança e o medo misterioso da criança que foi.

Mulheres indomáveis, também, morriam pelos seus homens. Nenem, amante de Luiz Pedro, tombou qual heroína homérica, às margens do São Francisco. Por amor de Inacinha, o cangaceiro Gato, dos mais valentes do sertão, caiu varado de balas defronte da cadeia de Piranhas, tentando salvá-la. A morte pagava-lhe o preço de seu grande amor. Era o tributo de sangue pelas noites que passara nos braços mornos da mulher amada, enrodilhado e aquecido no seu torso arrebatador, Áurea, companheira do cangaceiro Moreno, atravessando-se-lhe à frente, na hora do combate, foi abatida, cobrindo com o seu o corpo do homem querido. Enlouquecido de dor, Moreno ergueu-se sobre o cadáver da mulher estremecida, ainda a palpitar, enfrentando no peito a tropa, espantada diante daquele leviatã de ódio e ferocidade, um só homem contra trinta. Animal enfurecido, pagou a sua coragem e amor rojando o pó, escabujante, a espalhar sangue e vísceras por todos os lados, ainda pressionando o gatilho do rifle cruzeta já inútil. Morreu porque, afinal, sem Áurea, pouco lhe importava a vida. Enedina, em coragem sem par, fuzilada na ravina de Angicos, de onde não saiu porque não quis, aí ficou a cuidar dos companheiros que iam sendo feridos, exemplo do fatalismo intrínseco das damas do sertão. Enquanto o amante, José Julião, ganhava o carrascal protetor, julgando que ela o seguia, permaneceu Enedina no matadouro armado pelo sargento Bezerra, auxiliando a morrer, no instante supremo, os homens do cangaço. Representava ali, herdeira daquelas criaturas pioneiras de sangue índio e negro, que, da Colônia à República, haviam ajudado os seus homens na conquista efetiva do País, ali mesmo na hora em que, melancólica e

traíçoeiramente, encerrava-se o ciclo do cangaço no Brasil. E encerrava-se, em última análise, por tê-las adotado no leito dos acampamentos. Essa mulher amante e servil, corajosa e voraz, desvirilizou a saga cangaceira pelo cuidado que despertou no coração do combatente.

Entre elas, se havia disputa, não existia traição. Em raras ocasiões foi isto constatado na história íntima do cangaço. Maria Déia, mulher legítima do sapateiro José, quando passou a se chamar Maria Bonita, jamais traiu o amante violento e cruel, mas que tinha para com ela ternuras de Romeu, suportando-lhe o gênio feminido nem sempre calmo e os ciúmes de mulher nervosa. Lampião, em que pese a atração pelas raparigas fáceis das vilas, depois que se juntou à Maria Bonita, não procurou outra. Relutante no começo, pois não queria levar à sua tragédia pessoal um ser delicado e jovem, já no fim da vida não podia passar sem ela, procurando-a nos acampamentos pelas menores futilidades. E com ela se foi em Angicos, na traíçoeira arapuca montada pelo medo policial.

Dedicada ao seu homem; despida das veleidades libertárias e ridículas de suas irmãs cidadinas, a ele tudo entregou, até a própria vida. Respeitada, não só pelos homens do bando, como pelas mulheres, Maria Bonita atravessou, livre de críticas, toda a pequena epopéia trágica da guerrilha sertaneja. Seu caráter sisudo e maneiras gentis cativaram-lhe o amor daqueles bravos, que nela viam, antes da mulher do chefe temido, a companheira leal das horas difíceis.

Quando grávida, e assim estava quatro ou cinco vezes, comportou-se dignamente, não transferindo para as fugas e lutas do grupo as dores dos problemas físicos e pessoais. Sofria calada, e, se gemia dentro das barracas e casebres ocasionais, fazia-o mordendo os punhos para que seu homem não ouvisse e padecesse mais. Igual a ela, as outras heroínas do bando. E mais:

sabendo que na existência cruelíssima e desesperada que levavam, não poderiam sequer amamentar os filhos, que seriam entregues, nos primeiros dias de nascido, à caridade mercenária de padres e comadres sertanejos. Assim foi com Corisco, assim seria com Lampião.

Maria Bonita, na história do cangaço, representa o tipo acabado das mulheres que fizeram a grandeza silenciosa da sangrenta penetração do interior brasileiro. Sem o romanticismo emprestado por José de Alencar, assim mesmo faziam-se amadas, centro e circunferência de lances de grande emotividade. Naquela fotografia impressionante, que foi estampada numa das edições d'OS SERTÕES, de Euclides da Cunha, sobre Canudos, vêm-se, acoradas, as viragos que auxiliaram, na epopéia de barro e terços, ladaínhas e maldições, os combatentes do Bom Jesus Conselheiro. Naquelas faces escaveiradas e secas, tostadas e como que lavradas a buril, lê-se a dor sem retoques, a imensa e antiga dor da mulher do sertão. E centralizavam, sim, o trabalho e o amor dos seus homens. E tanto assim era que, à luz das fogueiras, medrosos, trabalhadores de cabeça de linhas férreas e almocreves tangerinos contavam o caso de Lídia, a bela Lídia, a indomável Lídia, o mais famoso de quantos, nos anais do cangaço, permaneceram exemplarmente para sempre. É a história de uma traição amorosa. A narrativa da mais crua das tragédias passionais do cangaço.

Lídia, sestrosa, morena, bem feita de corpo, os peitos firmes ensombrecendo o tecido leve das blusas abertas; o olhar vido ferindo a gente; a ginga dos quadris excitando os mais desconfiados, era amante do negro Zé Baiano, cujo costume, quando prendia mulheres de cabelos curtos, consistia em ferrá-las com suas iniciais nos seios ou na face. Bestial, completa e absolutamente um bruto, Zé Baiano enredou-se com a moça, que, além do mais, sabia amar como nenhuma outra do bando. Com exceção de Lampião e

Corisco, todos os outros já haviam olhado, sedentos, aquela fonte de perene água cristalina do prazer. Assim foi com o Bem-Te-Viu, que, arrostando tudo, tornou-se seu amante secreto e eventual, às escondidas pelos matos, à beira do Velho Chico, onde desse e a vigilância de Zé Baiano afrouxasse. Certa tarde, porém, o par amoroso foi visto por pelo cabra Besouro, molecote acobreado, que tentara seduzir Lídia e não conseguira. Conhecedor do segredo, tentou chantageá-la. Fez propostas à mulher, que recusou. Então, à noite, quando todos estavam reunidos ao pé do fogo, Besouro provocou Lídia. Presentes estavam os maiores do cangaço, inclusive Lampião, Corisco, Luiz Pedro, Moreno, Virgínio e Labareda. Corajosa, afoita, no atrevimento suicida das mulheres bonitas, Lídia repeliu o traidor frustrado exclamando: "estive com ele, sim! Que tem isso? O que é meu eu dou a quem quero!"

O jovem cangaceiro Bem-Te-Viu, de um salto, ganhou a caatinga, sumindo-se na escuridão até hoje. Nunca mais se ouviu falar dele. Lampião, sereno, executor real de uma justiça que pode ser discutível pelo jurista mas não o é pelo escritor, num gesto rápido, com pequena foice, abriu a cabeça do delator em dois pedaços. O corpo de Besouro, como que fulminado por um raio, caiu para trás, espadanando sangue e miolos. Voltando-se, então, para Zé Baiano, que estava lívido e sem ação, disse o chefe impassível: "Homem, a mulher é sua. Faça com ela o que quiser. Minha parte eu já fiz". E deu-lhe as costas, chamando Maria Bonita.

Levantando-se diante da passividade geral, Zé Baiano agarrou Lídia por um braço, arrastou-a até uma árvore grossa, onde a amarrou. Armando-se de grosso cacete, começou a bater. Os gritos da mulher massacrada foram se transformando em urros, estes em estertores, até que, daquela massa disforme e ensanguentada de carnes palpitantes, quase três horas depois, não se ouvisse um gemido sequer.

Cansado, molhado de suor; o olhar vítreo sem nada enxergar; olheiras fundas marcando-lhe a exaustão total; sozinho, pois toda a tropa, horrorizada, afastara-se o máximo possível do acampamento, o negro feroz continuava a bater no cadáver irreconhecível da mulher amada, já sem forças, levado pelo amor e o desespero.

Foi, este, um dos raros casos de traição no cangaço.

Esquecidas pelos que escreveram sobre essa odisséia cabocla, a mulher sertaneja pouca ou quase nenhuma atenção chamou, mergulhada sempre numa penumbra de completa e total indiferença. Quem sabe, hoje, o nome de uma amante de Né Pereira, de Jesuíno Brilhante, de Antonio Silvino? Quem sabe quem foi a coiteira corajosa que escondeu Virgulino ferido, quando a bala certa estilhaçou-lhe o calcanhar? Mas elas existiram, essas marias, joanas, severinas e antonias, inspiradoras de atos que foram, na canção do cangaço, suas estrofes mais fortes, e na gesta guerrilheira, as páginas mais tocantes. Tanto usava a colher de pau, para preparar o cuscuz de seu homem, como a enxada, para lavar-lhe o ressecado campo maninho, e o rifle cruzeta para seguí-lo na aventura da vingança. Na rede de pipiri; no chão dos ranchos e na asperidade dos grotais protetores, amava ruidosamente o amante, satisfazendo-o do único modo que sabia e que uma existência crua lhe deixara. Apoio forte na hora da dor, ajudava-o a morrer, agarrando-lhe a mão crispada pelo sofrimento; enxugando-lhe o suor da testa lívida; murmurando-lhe consolações derradeiras e rezando-lhe pela alma pecadora. Passando o fragor do combate; amainada a persiga policial, ia juntar-se ao seu senhor no momento supremo. E os olhos já sem vida do cangaceiro malferido; a enevoarem-se pela morte próxima, procuravam ainda fixar-se na companheira, que o ajudava a morrer, morrendo um pouco também. E, raramente, depois que perdia o seu homem, essa sertaneja voltava a querer

outro. Parecia que, com ele, se fora o estímulo e o calor da vida. Quando maltratada por ele, em alguns casos, procurava outro, mas sem que nisso fosse interesse, se não o desejo bem humano de servir. Mesmo porque, quando deixavam o bando, custavam a ser aceitas de volta nas pacatas comunidades beatas, onde as irmãs de sexo, embora iguais em tudo, temiam as pregações morais dos missionários capuchinhos. Solitárias, então; envelheciam na recordação do que foram, a rememorar as grandes estradas, as noites inquietas e as dores sem fim do cangaço.

Quando engravidavam, o que era comum pela intensa vida sexual que levavam, pois o homossexualismo, quer masculino, quer feminino, era desconhecido desses esgalgados e secos leptossomáticos, o problema tornava-se mais terrível, toda a sua miséria exposta à luz do dia. Começava a cansar, preocupando o companheiro. Já no quinto ou sexto mês, era deixada em algum rancho amigo, onde passava a viver costurando paninhos ordinários e ajudando no trato doméstico. Ao aproximar-se a data, o cangaceiro, se estivesse perto, -e ele sempre dava um jeito para estar- vinha assistí-la, depois do parto levando o filho para ser criado por outrem. Constituía, isto, a parte mais dolorosa da imensa tragédia pessoal da mulher no cangaço. Moralmente mais bem formada que o homem, que é um egoísta nato, padecia a tortura suprema de dar o seu filho, entregá-lo ao estranho que lhe protegeria a existência marcada. Assim foi com Dadá, mulher de Corisco, assim foi com Maria Bonita, mulher de Lampião. Era o fado, a sina, o destino de todas elas. Desentranhavam sob dores atrozes um pedaço de si mesmas, para dá-lo a desconhecidos, cuja caridade se media na razão direta do medo e da cobiça. Difícil o benfeitor, igual ao padre que criou o filho de Dadá, e que, realmente, queria servir o foragido pelo amor de Deus. A maioria, apenas, desejava a grossa soma que o

cangaceiro pagava o temia-se da ponta acerada do punhal de metro e meio.

Fosse como fosse, entretanto, do que falo aqui é da dor dessa maternidade heróica e miserável, que para contiunuar amando, servindo e morrendo com o seu homem, desfazia-se dos filhos enxugando as lágrimas, durante meses, na casca dura dos juazeiros paternais. Sem mãe, sem irmãos, sem pai, sem família, renegada por todos, assumiam um caráter de indomável coragem, mesmo as que, sem vocação aventureira, entregavam-se apenas aos afazeres domésticos do grupo. E as havia, sim. Inúmeras foram as que, rentes aos terens do bando, limitavam-se a cozinhar e amar os seus homens. Mas havia outras, iguais a Dadá e Maria Bonita, Inacinha e Moça, que, de revólver e fuzil na mão, enfrentavam, gritando nomes feios, os "macacos" do governos. E não raro as que, no aceso dos combates, tombavam gemendo, para não mais se erguer. Assim Enedina, Mariquinha, Neném, nomes esquecidos da mais triste das canções do Brasil.

A compensação única dessa vida áspera, era a noite de luar, nos ranchos, quando as persigas abrandavam. No sertão fechado do Carriel ou nas bordas saharianas do Raso da Catarina, arranchavam-se os grupos, formando acampamento. Ouvia-se o harmônico, o reco-reco, a viola e o cavaquinho. A lua enorme, muito pura e fria, lá do alto espiava o caatingal festivo, onde os homens e as mulheres do cangaço, dançavam e cantavam os seus poemas de amor e de guerra, esquecidos de que faziam a História e estavam condenados à morte. E entre uma e outra versalhada de autor desconhecido, vinha "Mulher Rendeira", o hino de marcha e luta, desafio e coragem, insulto e valentia, a "Marselhesa" dos carrascais sertanejos do nordeste, que Lampião compusera num instante de inspiração genial, olhando, quem sabe? -Maria Bonita enfeitar-se. E dançavam bem agarrados, os pés nas alpargatas rudes, levantando poeira cinzenta do sertão. Os corpos

sujos, que o suor, a brilhantina e as essências baratas tornavam capróticos, mexiam-se no ritmo, até que um deles, mais sensual e excitado, arrastasse a companheira para o matagal, cevando-se primitiva e humanamente no imenso e irresistível desejo natural.

Ao esmaecer o fogo e a lua cair por trás dos serrotes, iam esses festeiros da morte dormir. Enrodilhavam-se uns sobre os outros, homens e mulheres, fantasmas da mais trágica, angustiante, dolorosa e derradeira canção de amor e de sangue da História brasileira.

***Prof. Ms. do Departamento de História da UFPE**

MITO E PRESERVAÇÃO AMBIENTAL

JOSUÉ DA COSTA SILVA*

Resumo:

O espaço, que antes do homem era abstrato, obscuro e temeroso, caos e potência, passa a ser o corpo externo da sua existência social, um dos seus fundamentos; a mata conterà as marcas para sua locomoção; as árvores, rochedos, rios, serão pontos de referência; os igarapés e lagos terão significados relacionados à espécies de peixes; cada local de busca de alimento será classificado conforme o período de reprodução das espécies e outras classificações. As matas e as águas apresentarão seus deuses e protetores: é o Curupira, o Mapinguari, a Matinta Perêra, a Cobra Grande, o Boto e muitos outros. Neste momento, o espaço rompe por completo com a indiferença, a insegurança, o temor. Já não é mais um espaço desconhecido. É algo mais. É a segurança, é o aconchego, onde seus mortos estão sepultados. É um "lugar". Quando perguntamos respondem sem hesitação: "aqui é o meu lugar". Antes do lugar, não existia natureza.

Palavras-Chave: Mito, Segurança e Lugar

Abstract:

The space, that before the man it was abstract, obscure and fearful, chaos and potency, becomes the external body of your social existence, one of your foundations; the forest will contain the marks for your locomotion; the trees, rochedos, rivers, will be point of reference; the igarapés and lakes will have meanings related to species of fish; each place of food search will be classified according to the period of reproduction of the species and other classifications. The forests and the waters will introduce your gods and protecting: it is Curupira, Mapinguari, Matinta Perêra, the Big Snake, the Hindu priest and many other. At this time, the space breaks up entirely with the indifference, the insecurity, the fear. No longer it is one more unknown space. It is more something. It is the safety, it is the shelter, where your deads are buried. It is a " place ". When we asked they answer without hesitation: " here it is my place ". before the place, nature didn't exist.

Key-Words: Myth, Safety and Place

Pensar a organização espacial de um grupo social como os ribeirinhos, é descobrir uma pluralidade de fatores que contribuem para a caracterização e formação de determinada paisagem. Esses fatores têm diversas formas de se apresentarem, quer seja: psicológica, moral, ecológica, econômica, política ou mítica.

Um conjunto rico de informações, experiências, vidas, irá modelar o imaginário social do grupo que terá a capacidade de congregiar os valores, a interpretação, a estratégia de sobrevivência e a visão de mundo que possuem. O grupo social estará "equipado" para apresentar seu projeto de natureza, ao criá-lo enquanto resultado da *práxis*. Esse "projeto de natureza" além de reunir dados classificatórios, traz também os mecanismos que propiciam a preservação das espécies já que isto irá garantir a sobrevivência do grupo. As informações para a manutenção do funcionamento do "ciclo da natureza", serão colhidas da observação cotidiana, transmitidas e aperfeiçoadas ao longo das gerações. Esse homem ribeirinho irá pensar a natureza como uma aliada de sua rotina.

Assim, a natureza passa a ser humanizada, desmistificada, ou seja, desnuda de seus mistérios e incorporada por novos significados. Passa a ocorrer em alguns momentos, a sacralização da paisagem. A "mata", o "rio" passam a ter um significado especial para esse grupo. É a "mata" e o "rio" desse grupo. Em outras palavras, tornam-se criações.

O espaço, repleto de significados, é uma criação do homem. Esse espaço terá sua forma dada por um "Homem-que-pensa" e sente, por um "homem produtor", por um "homem habitante". A compreensão desta criação torna-se possível quando nos despreendemos dos aspectos aparentes dessa paisagem, quando vemos além das relações de trabalho.

Depois de estabelecidas as relações humanas e as tecnologias de

sobrevivência e vida, o espaço, a natureza parecerão independentes da sociedade e de sua ação criadora. Parecerão anteriores. No entanto, natureza antes da *práxis* é pura metafísica. Aquilo que depois é natural, é um aspecto da própria *práxis*. Algo que desprega para ter existência própria. Esse algo podemos chamar "espaço", "ambiente", "natureza", "cosmo".

O espaço, que antes do homem era abstrato, obscuro e temeroso, caos e potência, passa a ser o corpo externo da sua existência social, um dos seus fundamentos; a mata conterà as marcas para sua locomoção; as árvores, rochedos, rios, serão pontos de referência; os igarapés e lagos terão significados relacionados à espécies de peixes; cada local de busca de alimento será classificado conforme o período de reprodução das espécies e outras classificações. As matas e as águas apresentarão seus deuses e protetores: é o Curupira, o Mapinguari, a Matinta Perêra, a Cobra Grande, o Boto e muitos outros. Neste momento, o espaço rompe por completo com a indiferença, a insegurança, o temor. Já não é mais um espaço desconhecido. É algo mais. É a segurança, é o aconchego, onde seus mortos estão sepultados. É um "lugar". Quando perguntamos respondem sem hesitação: "aqui é o meu lugar". Antes do lugar, não existia natureza.

A organização do espaço concretiza o modo de pensar do grupo, do conhecimento de seus valores e sua visão de mundo. Esse espaço é a expressão viva do humano. Tais questões tornam-se mais significativas quando analisamos grupos sociais que ainda não foram inteiramente cooptados pela sociedade de consumo.

Destes grupos sociais, certamente fazem parte os seringueiros, os caboclos e ribeirinhos da Amazônia, que vivem a realidade das matas e das águas com todos os seus significados. Tais grupos não vivem isolados do mundo urbano, entretanto mantêm uma relação com o seu meio mediada por relações míticas e

com uma percepção aguçada dos mecanismos de funcionamento da natureza.

A Cobra Grande mítica se faz presente na vida dos moradores como uma guardiã de seus destinos. Visível para alguns, irreel para outros, porém, reverenciada com respeito pela maioria, fixa morada em local denominado de "Poço Preto" onde ninguém faz idéia da profundidade, embora todos os lagos tenham o cálculo de sua profundidade estimada. Animal gigantesco, poderoso, deixou-se ser visto para ganhar forma na lenda: enquanto pescavam nas proximidades do Poço Preto, os dois observavam a tranquilidade das águas do lago, era final de tarde, o sol ainda presente, só viram o "banzeiro", então disseram um ao outro: "É a Cobra do Poço Preto" e saíram de lá remando o mais depressa que podiam. Este relato, é o suficiente para reafirmar a existência da Cobra Grande. Qualquer morador de Cuniã conta a história dos homens que viram a Cobra Grande do Poço Preto.

Esta "aparição" da Cobra Grande, aconteceu no início da década de oitenta, período em que circulou as primeiras notícias de desapropriação do lugar. O mito de criação também sofreu modificações neste período, o relato do encanto de "Cunhã" terminava afirmando que se a Cobra Grande fosse incomodada e saísse de seu lugar, os lagos secariam. Ao mito fora acrescentado que se o moradores saíssem do local, os lagos também secariam. Fica claro que os moradores não cogitavam, antes da década de oitenta, a menor possibilidade de serem expulsos, logo, era improvável que antes do conflito eles tivessem cogitado o fato de serem expulsos de seu lugar.

Aparentemente, ao ser cogitada a saída de seu lugar, a comunidade que não possuía documentos de suas terras, não sabia quais hectares lhes pertencia, precisava provar que há muito tempo ocupava o local, para ser mais preciso, desde os primeiros contatos dos seringueiros com os índios. Havia então

necessidade de explicar que o local onde habitavam, dependia de sua presença, pois caso saíssem, os lagos secariam, a fartura de alimentos desapareceria e a beleza do lugar perderia o seu "encante".

O mito está absolutamente correto, tudo se encantar, o espaço mapeado e codificado pela vida cotidiana, a lembrança de seus pais ensinando os segredos das águas e das matas será desvinculada de seus referenciais, a vida terá que ser reconstituída em outro espaço ao longo de outro tempo.

O mito não é estático, não é algo pronto e acabado, ao contrário, está se renovando sempre que lhe dêem novos significados. Dessa forma, o mito é uma linguagem que transmite uma mensagem codificada, criada e amadurecida. Entretanto, para esses moradores, não é a única forma de expressão da comunidade.

Seria ingenuidade imaginar que o mito pudesse ser a panacéia que resolveria seus próprios problemas. A organização da comunidade em Associação é um veículo de reivindicação, a atuação política junto a parlamentares é uma outra. A interpretação mítica é um acréscimo incorporado nas estratégias traçadas para permanecer no local.

A medida em que a comunidade chama o mito da Cobra Grande do Poço Preto ao banco de testemunhas como estratégia de sua defesa, demonstra que o mito pode ser um depositário dos códigos criados para sua orientação no mundo, afirmação de sua cultura, organização social e instrumento de registro da história do grupo.

O conflito vivenciado pelos moradores, expôs suas estratégias de sobrevivência, foram buscar nas mais diferentes formas os argumentos necessários a sua permanência em Cuniã. Construiu-se um discurso de preservação do meio ambiente. Discurso criado de seu cotidiano. A cultura indígena é resgatada e ajuda a provar sua temporalidade. Assemelham seu modo de vida aos dos índios. Procuram

demonstrar que as suas ações desenvolvidas em defesa do meio ambiente são mais efetivas do que os planejamentos governamentais.

O tempo de vivência desses moradores com o meio ambiente vai transformar o espaço, incorporando as suas experiências, os experimentos, suas emoções ficam gravadas na terra, nas árvores, nas águas. Este espaço deixa de ser uma mera localização, passa a constituir-se de elementos sagrados. É onde encontram-se com seus antepassados, as marcas de seus antepassados.

O espaço vai sendo construído e transformam-se em algo que oferece o aconchego, a segurança, a fartura. É o lar, é o seu lugar. Repleto de significados, e quando dizem: "aqui é o meu lugar", falam com a intensidade que inclui todos estes fatores. Com isso, transformam a natureza humanizando-a.

O pensamento apaziguador é criado, o ritual de convivência é executado e os acordos com o boto, o curupira, a mãe da seringueira, a mãe d'água são estabelecidos. Sair desse lugar é abandonar todas essas construções. O IBAMA, jamais compreenderia.

BIBLIOGRAFIA:

SILVA, J.C. e outros. ***Cuniã: Uma Comunidade Ameaçada.*** Porto Velho/RO. mimeo. 1992.

SILVA, J.C. ***Cuniã: Mito e Lugar.*** Dissertação de Mestrado, FFLCH-USP, SP, mimeo., 1994.

***Professor do Departamento de Geografia-UNIR Membro do Centro do Imaginário Social**

EDUCAÇÃO E CAPITALISMO

ALBERTO LINS CALDAS

Resumo:

A constituição da singularidade (meta principal da educação) requer um tipo de educação singular. Fora disso é trabalhar dentro de um corpo em decomposição com medo de perder "empregos", "projetos", bolsas e senecuras. Abanando o cadáver, tapando o nariz, conseguem se manter na sala, na escola, no mercado de trabalho, na justa posição do covarde ou do inconsciente. Uma educação filosófica, buscando compreender a singularidade perdida no processo educativo (sintoma máximo da morte da Educação), deverá entender que a lógica científica, o processo produtivo reificador, a ideologia como condição subjetiva da produção/consumo, a fragmentação do saber, do ensino, dos alunos e dos professores, fazem parte do mesmo processo, da mesma realidade. do mesmo labirinto. A impotência da Ciência em compreender integralmente o homem ou criando uma falsa imagem advém da sua lógica técnica alienada e, necessariamente, pulverizada. A educação é essa perspectiva lógica enquanto "ensino-aprendizagem". Restam somente peças desarticuladas e minúsculos saberes e informações suficientes para manter o bom funcionamento de uma máquina que não podemos nem queremos mais parar. Mas ela é o "reflexo dialético" da sociedade, não há mistério algum.

Palavras-Chave: Educação, Ensino e Aprendizagem

The constitution of the singularity (it puts main of the education) it requests a type of singular education. Out of that it is to work inside of a body in decomposition with fear of losing " employments ", projects ", bags and senecuras. Fanning the cadaver, closing the nose, they get if to maintain in the room, in the school, in the job market, in the coward's fair position or of the unconscious. A philosophical education, looking for to understand the lost singularity in the educational process (maximum symptom of the death of the Education), he/she should understand that the scientific logic, the process productive reificador, the ideology as subjective condition of the produção/consumo, the fragmentation of the knowledge, of the teaching, of the students and of the teachers, they are part of the same process, of the same reality. of the same maze. The impotence of the Science in understanding the man integrally or creating a false image occurs of your alienated technical logic and, necessarily, powdered. The education is that logical perspective while " teaching-learning ". they Remain only disjointed and minuscule pieces you know and enough information to maintain the good operation of a machine that we are not able to nor we want more to stop. But she is the " reflex dialético " of the society, there is not any mystery.

Key-Words: Education, Teaching and Learning.

A Educação está morta. Defendê-la, da maneira em que está, é aliar-se às causas da decomposição. A Educação, o Ensino, a Cultura, a Inteligência estão mortas. Mas de uma morte estranha. Continuam como se não estivessem mortas. Fedem, mas não as enterramos. Queremos resolver a questão da Educação, criando uma teoria da Educação, ou criando uma "comunidade Educativa" onde o mal não possa chegar. Temos que principiar aceitando que a Educação morreu. E pensar a "sociedade" que a destruiu e para quê. De outra maneira, trabalharemos dentro de um corpo decomposto: assumiremos sem querer o discurso que matou e arrasta o cadáver da Educação. Sem cérebro, ela aponta para o coração do próprio capitalismo e é exatamente aí que queremos chegar, mas ele não está num só lugar, mas em todo canto. Todo lugar é o capitalismo. Tudo já é só o capital e seus véus.

A Educação, como a realização do universo social no indivíduo, criando a singularidade ou sua possibilidade, espírito vivo da história humana, está morta. Sem o mínimo de comunidade não há singularidade, com isso a Educação não pode se realizar, a não ser se contentando com muito pouco, sendo simulacro de Educação, escondendo realidades ou criando vazios. Em seu lugar apenas frágeis redes informativas desconectadas constituem o mínimo necessário para dar a impressão de que está "formando" a possível mão-de-obra requerida pelo processo produtivo. As diferentes educações de classe visam somente "formar" diferentes tipos de "trabalhadores". Do processo foi excluída a visão histórica e a ação crítica e negativa do saber, fundamento da consciência e da própria filosofia.

O desespero de alguns educadores é precisamente não reconhecerem a morte da Educação (a instauração de um "caos" próprio às redes informativas; o desencontro das informações como fundamento da consciência, impossibilitando a

singularidade e, logo, a criticidade; a dissolução da singularidade como condição do atual tipo de exploração) e ficarem impondo um saber sem ouvintes a indivíduos e instituições dasapaixonadas e venais. O capitalismo não precisa mais da consciência, do saber, da singularidade. Impôr isso é não encontrar ressonância, é se desesperar. Tentar educar tornou-se uma forma de desespero.

A constituição da singularidade (meta principal da educação) requer um tipo de educação singular. Fora disso é trabalhar dentro de um corpo em decomposição com medo de perder "empregos", "projetos", bolsas e senecuras. Abanando o cadáver, tapando o nariz, conseguem se manter na sala, na escola, no mercado de trabalho, na justa posição do covarde ou do inconsciente.

Uma educação filosófica, buscando compreender a singularidade perdida no processo educativo (sintoma máximo da morte da Educação), deverá entender que a lógica científica, o processo produtivo reificador, a ideologia como condição subjetiva da produção/consumo, a fragmentação do saber, do ensino, dos alunos e dos professores, fazem parte do mesmo processo, da mesma realidade. do mesmo labirinto. A impotência da Ciência em compreender integralmente o homem ou criando uma falsa imagem advém da sua lógica técnica alienada e, necessariamente, pulverizada. A educação é essa perspectiva lógica enquanto "ensino-aprendizagem".

Restam somente peças desarticuladas e minúsculos saberes e informações suficientes para manter o bom funcionamento de uma máquina que não podemos nem queremos mais parar. Mas ela é o "reflexo dialético" da sociedade, não há mistério algum. A Educação, sendo a expressão da fragmentação coisificante para o trabalho, para a perversa submissão e exploração, tornou-se uma guerra contra a vida, a alegria, o saber e a consciência.

Como toda Educação tornou-se adestramento, nenhum aluno pode, sem esperar e gritar, aceitar a destruição programada, a dor de ser dilacerado quando ainda a argila da unidade não secou.

A Educação não tem como meta educar (todo o conhecimento na sala de aula entra num ouvido e sai no outro), mas preparar o "trabalhador" para a ordem, a máquina a fragmentação, a autoridade, a submissão, a fraqueza diante da ideologia e da opressão, preparar para um tipo amorfo e covarde de criatura. A principal função da Educação é carcerária, preparar os indivíduos para outros encarceramentos. Educação não tem mais nada a ver com cultura, saber, civilização, consciência, revolta e criação: é somente ante-sala das condições desumanizantes do trabalho. É um exercício funcional para o mundo fragmentário. Realmente a função da educação é "preparar o homem para o trabalho".

Não adianta procurar uma resposta prática. A prática, no sentido restrito, não nos pode guiar. As "interferências" afastam qualquer aproximação. A "Filosofia" (tradicionalmente metafísica), há muito procura somente o ente-do-ser ou ser-do-ente; a Ciência (pensar vivo do modo de produção capitalista) nada pode responder; as Ciências Humanas, fragmentos impotentes, podem apenas sonhar uma impossível unidade sem desligar-se realmente de um pensar reificado. Uma possível resposta só poderá advir de uma história filosófica e de uma ação radical no mundo.

*** Prof. MS. do Departamento de História/UNIR
Coord. do Centro do Imaginário Social
CEI/UNIR**

Retalhos de uma Discussão Ambiental

Dorisvalder Dias Nunes*

Resumo:

No passado, o uso dos recursos naturais era encarado sob o prisma da "infinidade", ao contrário da atualidade, em que a realidade demonstra que os recursos naturais são finitos. O resultado é que, se antes o econômico moldava o ambiente, hoje, ao que tudo indica, o meio aparece como norteador de tendências econômicas. Fica claro a necessidade em se distinguir. A partir dos anos 60 e 70 verificou-se uma retomada de concepção, não só da sociedade mas, também, das autoridades governamentais em relação à problemática ambiental. A redução da disponibilidade de recursos naturais traz consigo uma nova preocupação: "O saber gestar o meio ambiente". Neste sentido se trouxermos a discussão a nível de Brasil, verificar-se-á que *"...a ação do Estado no enfrentamento da questão ambiental remonta, no que diz respeito à criação de instituições específicas, ao início da década de 70."*

Palavras-Chave: Recursos, Disponibilidade e Ambiente.

Abstract

In the past, the use of the natural resources was faced under the prism of the infinitude ", unlike the present time, in that the reality demonstrates that the natural resources are finite. The result is that, if before the economical molded the atmosphere, today, to the that everything indicates, the half appears as norteador of economical tendencies. It is clear the need in being distinguished. Starting from the years 60 and 70 a conception retaking was verified, not only of the society but, also, of the government authorities in relation to the environmental problem. The reduction of the readiness of natural resources brings with herself a new concern: " The knowledge gestar the environment ". In this sense if we bring the discussion at level of Brazil, it will be verified that " ...a action of the State in the enfrentamento of the environmental subject remounts, in what he/she concerns the creation of specific institutions, to the beginning of the decade of 70.

Key-Words: Resources, Readiness and Atmosphere.

De modo geral, a maior parte dos habitantes da Terra, nascidos logo após a segunda Guerra Mundial, atestaram um período em que a Ciência e a Tecnologia subsidiaram um ininterrupto "crescimento econômico" mundial que, segundo Brown(1991), quintuplicou desde a segunda metade deste século.

Teoricamente, esse crescimento econômico deveria deixar transparecer uma lógica positiva, cujo desdobramento seria sinônimo de avanço tecnológico e melhoria na qualidade de vida; o que infelizmente não consta como realidade visível. A relação Custo **vs** Benefício no aproveitamento dos recursos naturais é superestimada em favor dos benefícios oriundos da exploração dos recursos naturais. Conforme comenta Brown:

"...O sistema de cálculo nacional, utilizado para avaliar o progresso econômico, incorpora a desvalorização de maquinaria e de equipamentos, mas não leva em conta o esgotamento do Capital Natural. Desde meados do século, o mundo perdeu cerca de um quinto da porção superficial de suas terras cultiváveis, um quinto de suas florestas tropicais úmidas e dezenas de milhares de suas espécies animais e vegetais..."
(BROWN,1991:15)

Isto significa que as variáveis econômicas moldaram e moldam os níveis de uso e desuso do meio ambiente, com uma importante questão a ser considerada: no passado, o uso dos recursos naturais era encarado sob o prisma da "infinitude", ao contrário da atualidade, em que a realidade demonstra que os recursos naturais são finitos. O resultado é que, se antes o econômico moldava o ambiente, hoje, ao que tudo indica, o meio aparece como norteador de tendências econômicas. Fica claro a necessidade em se distinguir "...entre o uso de recursos que sustentam o progresso e o de recursos que minam o progresso...", em outras palavras, não se

faz o cômputo da *"...depreciação do Capital Natural, que inclui recursos não renováveis como o petróleo e recursos renováveis como as florestas..."*(IDEM,IBIDEM:21).

São essas as preocupações que, até um dado momento da história humana, não pareciam ser alvo de preocupação da sociedade de forma geral, e muito menos como política prioritária por parte das autoridades competentes.

A partir dos anos 60 e 70 verificou-se uma retomada de concepção, não só da sociedade mas, também, das autoridades governamentais em relação à problemática ambiental. A redução da disponibilidade de recursos naturais traz consigo uma nova preocupação: "O saber gestar o meio ambiente". Neste sentido se trouxermos a discussão a nível de Brasil, verificar-se-á que *"...a ação do Estado no enfrentamento da questão ambiental remonta, no que diz respeito à criação de instituições específicas, ao início da década de 70..."* (BURSZTYN,1993:86-87), com a criação da Secretaria Especial do Meio Ambiente - SEMA. Ato caracterizado mais por simbolismo do que por intensão real de ação e que, a bem da verdade, surgia como resposta às discussões realizadas na Conferência de Estocolmo, em 1972. É importante destacar que o fomento a uma discussão mais ampla sobre meio ambiente no Brasil estava relacionada a entrada de recursos internacionais e que só seria possível se o Estado brasileiro atendesse algumas prerrogativas, entre as quais, a criação de instituições, conforme relaciona Gonçalves:

"...A pressão da preocupação ambientalista que cresce a nível internacional obriga as instituições financeiras públicas e privadas a colocarem exigências para a realização de investimentos aqui: há que se ter preocupação com o meio ambiente. Assim, antes que se houvesse enraizado no País um movimento ecológico, o Estado

criou diversas instituições para gerir o meio ambiente, a fim de que os ansiados investimentos pudessem aqui aportar."
(GONÇALVES, 1990:15).

Contudo, as discussões no Brasil sobre o meio ambiente, começaram a ocupar um espaço cada vez mais crescente, sob dois ângulos. De um lado, a nível governamental que, após alguns documentos (metas e bases para a Ação do Governo, 1970 e I Plano Nacional de Desenvolvimento - PND, 1971), onde a questão ambiental aparece de forma secundária e marginal, e só começa a ser enfocada como política específica a partir do II PND (1975-79), culminando com a institucionalização de uma política nacional de meio ambiente através das Leis Federais 6938/81 e 6902/81, entre outras.

Por outro lado, observou-se o aumento do Produto Interno Bruto-PIB que, antagonicamente, associado à queda das condições de vida humana, caracterizou-se principalmente pela concentração de renda e rebaixamento dos salários, diminuindo o poder aquisitivo do trabalhador. Junto a isto, somam-se os problemas de contaminação ambiental causados pelo "desenvolvimento" econômico implantado a qualquer preço, pelos governos militares após 64.

Refletindo diretamente na sociedade, a crise econômica promove a proliferação da pobreza, acompanhada do aumento de formas anômalas de comportamentos sociais. O crescimento exarcebado da população e a pobreza exercem uma forte pressão sobre os recursos naturais, deste modo não se pode pensar separadamente pobreza e meio ambiente, pois na medida em que cria populações marginalizadas, portanto, peças excludentes dentro da lógica da valorização do espaço, promove-se uma pressão sobre áreas destinadas à preservação/conservação e que muitas vezes são impróprias à ocupação humana (NUNES,1994). Para ser mais

enfático nesta questão vejamos o que relata Leal:

"...a pobreza significa, entre outras coisas, um importante processo de deterioração do meio ambiente, utilizado como recurso final na resolução de problemas urgentes de subsistência. O meio ambiente é, assim, virtualmente saqueado em função das necessidades básicas dos mais carentes..."
(LEAL,1989:09).

Obviamente, tal situação não faz dos menos favorecidos os agentes principais pelas ações danosas ao meio, ao contrário, muitas vezes são eles (os menos favorecidos), as principais vítimas. É neste contexto que o número de entidades "ecológicas" e de instituições governamentais, crescem ao lado da presença cada vez maior do tema "meio ambiente" em teses e propostas de discussão ambiental nos vários setores da sociedade.

Esse quadro traz para as instituições governamentais a responsabilidade de uma política mais séria e a criação de mecanismos mais eficazes relacionados à gestão do meio ambiente com o objetivo primordial da conservação/preservação do valioso patrimônio de recursos naturais ainda existentes e pouco estudados, principalmente quando a discussão remete-se à Amazônia. A criação de áreas destinadas à preservação e conservação de ambientes potencialmente importantes do ponto de vista da biodiversidade genética, devem ser incrementadas, e a Amazônia é o melhor exemplo desta biodiversidade. Ao levarmos em consideração sua variedade fauno-florística, caracterizada também por apresentar um forte endemismo, a questão torna-se ainda mais importante. Isso significa dizer que, a destruição da floresta implica, entre outras coisas, na extinção de uma imensurável quantidade de seres que se quer foram descobertos e catalogados

pela ciência. Nesta linha de pensamento, Rondônia apresenta-se como um dos principais alvos de discussões no que tange aos problemas sócio-ambientais da Amazônia Ocidental, surgidos nas últimas duas décadas - 70 e 80. As Unidades de Conservação e sua situação no que concerne à Gestão Ambiental, em se tratando de Rondônia, são muito recentes, basta lembrar que uma das primeiras iniciativas para se viabilizar um ordenamento socio-econômico-ambiental remonta o POLONOROESTE, e mais recentemente o PLANAFLORO.

Para um melhor entendimento do que pensamos e definimos por Gestão Ambiental, veiculamos esta definição a um processo político-administrativo, responsável pelo direcionamento de leis e normas que possam controlar/minimizar ações deletérias ao meio, de tal forma que se possa pensar um desenvolvimento ecológico e socialmente sustentado.

Com base nesta definição, há que se pensar como vencer os impasses primordiais no que se refere às ações de planejamento ambiental a serem implementadas pelos governos estaduais e, neste sentido, pode-se elencar algumas iniciativas importantes:

- Primeiramente vencer, através de um processo educativo, a mentalidade leiga de certos níveis da sociedade quanto ao uso, conservação do ambiente e sua importância para a sociedade. Neste sentido é de suma importância o aumento da alfabetização e o fortalecimento da educação ambiental nas escolas. A educação aqui é entendida como principal mecanismo capaz de reorientar a sociedade para uma concepção destinada ao fortalecimento de hábitos e valores que não comprometam ainda mais o ambiente natural;
- Conciliar crescimento industrial e progresso, com medidas de conservação e respeito aos recursos naturais, compatíveis com a noção de *desenvolvimento*; apresentada e definida por Branco, nestes termos:

"...A palavra desenvolver, na sua origem, tem o sentido de desenbrulhar, desenrolar, liberar ou expandir uma coisa que estava embrulhada ou envolvida. Um botão de rosa se desenvolve quando desdobra suas pétalas e forma a flor. Por extensão, dizemos que um embrião se desenvolve ao tornar-se animal ou vegetal completo, porque ele manifesta um potencial que já existia, em gérmen, dentro de si mesmo. Ninguém fala "desenvolver uma casa" mas se diz "desenvolvimento de uma semente", porque a construção de uma casa não provém de um embrião com um potencial inicial para transforma-se em casa, ao passo que a árvore provém de um gérmen, que é seu potencial. (...) nenhum desenvolvimento pode vir de fora para dentro (...). Por conseguinte, é tão incongruente uma nação pretender copiar um modelo de desenvolvimento estrangeiro quanto desejarmos obter um cavalo a partir de um embrião de anta(...)" (BRANCO, 1990: 83-84).

- Evitar que o crescimento demográfico e suas pressões sociais venham a intensificar práticas de assentamentos sem planejamento prévio, como as ocorridas na Amazônia brasileira, em particular, Rondônia;
- Impedir que o egoísmo e práticas de obtenção do lucro imediato de setores da sociedade mais abastados, comprometam a conservação e uso adequado dos recursos naturais;
- Bloquear as ações irregulares da tecnologia depredatória e sua incapacidade produtiva de gerar riquezas, que terminam por afetar a sociedade que não é beneficiada com esse tipo de tecnologia. No caso de Rondônia a riqueza representada pela imensurável reserva mineralógica, está longe de ser repassada para a melhoria

da qualidade de vida da sociedade local e regional;

- Melhor distribuição da riqueza para setores da sociedade menos abastados, de tal forma que garanta uma condição de vida descente a cada cidadão, dando-lhe acesso a moradia, emprego, saúde, transporte e educação.

Essas ações favoreceriam em muito o planejamento ambiental, na medida em que as necessidades básicas da sociedade são atendidas, trazendo como consequência a superação de impasses oriundos da relação Homem **vs** Natureza. Uma vez atendidas essas necessidades é possível pensar a conservação como prescreve a IUCN-União Internacional para a Conservação da Natureza e dos Recursos Naturais, quando afirma que :

"...a conservação, como desenvolvimento, destina-se aos homens. Enquanto o desenvolvimento procura alcançar as finalidades do homem, antes de tudo, mediante a utilização da biosfera, a conservação procura obtê-las por meio da manutenção da referida utilização. A conservação compreende a manutenção e a continuidade, e, por isso, constitui uma resposta racional à própria natureza dos recursos vivos (renovabilidade e destrutibilidade), assim como um imperativo ético, que se manifesta na convicção de que "não herdamos a Terra de nossos pais, mas a tomamos emprestada de nossos filhos..." (IUCN, 1984:12).

A partir desse quadro, pensar a Gestão Ambiental, é pensar uma abordagem holística para o entendimento das interdependências entre o meio abiótico e biótico e das manifestações antrópicas na modificação do sistema ambiental, em particular, o amazônico. Isto posto, vejamos para o que alerta Leal: "...o destino de uma região está

essencialmente condicionado por suas ações sobre os Meios Naturais nos quais repousa..." (LEAL,1989:10). Assim, faz-se mister trazer à luz das discussões o papel das Unidades de Conservação dentro do contexto Amazônico, e sua inserção em uma discussão mais ampla que é a discussão ambiental.

BIBLIOGRAFIA:

- BRANCO, S.M. **O Meio Ambiente em Debate**, 6ª edição, Moderna (coleção polêmica), São Paulo, 1988.
- BROWN, LESTER R. (org.) **Salve o Planeta! Qualidade de vida - 1990**, Ed. Globo, São Paulo, 1990.
- BURSZTYN, M. (org.) **Para Pensar o Desenvolvimento Sustentável**, Ed. Brasiliense, São Paulo, 1993.
- GONÇALVES, C.W.P. **Os (des)Caminhos do Meio Ambiente**. Ed. Contexto, 2ª edição, São Paulo, 1984.
- IUCN. **Estratégia Mundial para a Conservação: A conservação dos recursos vivos para um desenvolvimento sustentado**. CESP, SP, 1984 II 1V
- LEAL, J. A Gestão do Meio Ambiente na América Latina: problemas e possibilidades. In: **Cadernos FUNDAP, ano 09, 16, p. 07/14/Junho**, SP, 1989.
- NUNES, D.D. Gestão Ambiental e América Latina: algumas reflexões. in: **Boletim do Laboratório de Geografia Humana nº 3 Ano 1 (abr/mai)**, UNIR, Ro, 1994. p.02/03.

Membro do Imaginário Social-CEI/UNIR Mestrando em Geog. Física na FFLCH/DG/USP.
Professor do Depto. de Geografia/UNIR

NOVAS FACES DA ESCOLA NOVA NO BRASIL *

NILSON SANTOS**

Resumo:

A forte influência da Escola Nova o momento compreendido entre as décadas de 30 a 60. A década de 30 representa um período de turbulência social e política no Brasil, e também um momento de intensa criação e diálogo em torno da busca de novos referenciais para a sala de aula. A década de 80 representa para o Estado, o início do fim de um modelo autoritário e burocrático. As políticas públicas desgastadas pelo clientelismo, pelo favorecimento ilícito, pela incompetência, pelos megaprojetos, que trouxeram mais problemas que soluções, somados à crise do petróleo e ao fim do milagre econômico mantido com empréstimos do exterior, obriga o governo a fazer concessões, a permitir uma maior participação da sociedade civil nos destinos do país. Tudo o que não estivesse de acordo com a tecnocracia era ilegítimo.

Palavras-Chave: Políticas Públicas, Educação e Escola Nova.

Abstract:

To strong influence of the New School the moment understood among the decades from 30 to 60. The decade of 30 represents a period of social and political turbulence in Brazil, and also a moment of intense creation and dialogue around the search of new referenciais for the class room. The decade of 80 represents for the State, the beginning of the end of an authoritarian and bureaucratic model. The public politics consumed by the clientelismo, for the illicit favorecimento, for the incompetence, for the megaprojetos, that you/they brought more problems than solutions, added to the crisis of the petroleum and the end of the economical miracle maintained with loans of the exterior, he/she forces the government to do concessions, to allow a larger participation of the civil society in the destinies of the country. Everything that was not in agreement with the technocracy was illegitimate.

Key-Words: You politicize Public, Education and New School.

A historiografia da educação brasileira, evidencia como períodos de forte influência da Escola Nova o momento compreendido entre as décadas de 30 a 60. A década de 30 representa um período de turbulência social e política no Brasil, e também um momento de intensa criação e diálogo em torno da busca de novos referenciais para a sala de aula.

É bastante variado o leque de opções, autores e correntes, que vão desde a psicologia e filosofia até a biologia e a genética.

A década de 60 representa para a Escola Nova uma interrupção abrupta no que tange ao seu apogeu e esgotamento, pois o Golpe Militar de 64 pretendia representar o fim do debate pedagógico, ao instalar o tecnicismo como pedagogia oficial. Portanto com a agonia do Regime, propiciou o rompimento da "standardização" imposta na educação.

A década de 80 representa para o Estado, o início do fim de um modelo autoritário e burocrático. As políticas públicas desgastadas pelo clientelismo, pelo favorecimento ilícito, pela incompetência, pelos megaprojetos, que trouxeram mais problemas que soluções, somados à crise do petróleo e ao fim do milagre econômico mantido com empréstimos do exterior, obriga o governo a fazer concessões, a permitir uma maior participação da sociedade civil nos destinos do país.

Neste período, muitos setores da sociedade organizada pressionavam. Se por um lado temos o governo exaurido de poder político e econômico, por outro temos a sociedade, como um todo, recuperando seus espaços, conquistando o poder político através da eleição de lideranças mais democráticas, garantindo e ampliando o poder da fala e da contestação, tomando para si o papel da busca de soluções mais exequíveis, e mais próximas ao seu anseio, diminuindo a distância entre Estado e Sociedade, poder e povo. Um exemplo disto foi a campanha das "Diretas Já" que levou ao comício do Anhangabaú, em São Paulo,

1,7 milhão de pessoas, que apesar de não alcançar os resultados esperados, trouxe novamente o povo às ruas.

A educação tem um comportamento semelhante. A proposta tecnicista trouxe muito mais desvios que resultados satisfatórios: a febre legiferante criou uma teia de leis que buscava modelar a atuação do professor, retirando-lhe a autoridade. Tudo o que não estivesse de acordo com a tecnocracia era ilegítimo. A racionalização da educação, pela via do Taylorismo querendo criar mão-de-obra adequada à nova fase da industrialização brasileira, revela, antes de mais nada, a incapacidade de lidar com o ensino ou a real despreocupação com ele, já que são criados diversos cursos profissionalizantes com a ausência de laboratórios, ou quando existentes, os equipamentos são obsoletos, com a falta de professores capacitados, ou ainda cursos incompatíveis com a região. A capacidade criativa é banida, pois, oficialmente, o que não emanava do poder era subversão a ele.

É a partir desse sistema desmantelado, que surgem discussões, buscando recuperar o tempo perdido. O debate pedagógico reaparece com vigor. Ressurgem as propostas escolanovistas dos mais diferentes matizes, degladiando-se e disputando os despojos do tecnicismo; outras, de influência marxista, são rearticuladas. Na verdade, as propostas ficaram contidas pelos discursos homogeneizantes da pedagogia oficial, ou funcionavam na marginalidade do sistema, porém, sem conseguir participar das decisões e debates oficiais. Muitos eventos tiveram papel relevante, mantendo acesa a pluralidade, nada comparável aos anos que antecederam o golpe de 1964.

Neste instante retoma-se a discussão acerca da volta do ensino da Filosofia no 2º grau. Surge, em 1984, a Sociedade de Estudos e Atividades Filosóficas - SEAF; em 1985 acontece o I Encontro Estadual de Professores de Filosofia em Santos - SP. O

Departamento de Filosofia da USP começa a se preocupar em organizar cursos de reciclagem para os profissionais atuarem no 2º grau, já que durante o militarismo sua atuação se restringiu ao ensino de Filosofia nas Universidades e nos Seminários Religiosos.

Dentro deste contexto de desconfiança no passado, confiança no futuro e incertezas no presente, a Filosofia renasce para as escolas públicas de 2º grau. É da necessidade de conjecturar o momento atual que as mais variadas forças se aglutinam. Neste debate além de algumas instituições de renome como USP, PUC-SP e PUCCAMP, outras se agregam com interesses pouco claros, como a Seita Moon, que comparece aos debates, defendendo a volta da Filosofia não somente no 2º, mas também no 1º grau.

As preocupações e os cuidados são redobrados, afinal deixava-se o "fim do túnel" e eram sentidas ações que buscavam mergulhar novamente o país na linha dura; como a explosão de duas bombas no dia 30 de abril de 1981, num show comemorativo ao Dia do Trabalho, onde morreram dois membros do exército ou a reforma partidária de 1979 que objetivava legitimar a representação política mas também fragmentar a oposição; ou ainda a forte recessão e o alto índice de desemprego destes anos girando em torno de 28,4%.

Dentro deste contexto chega ao Brasil o Programa de Filosofia Para Crianças, surgindo o Centro Brasileiro de Filosofia Para Crianças - CBFC, fazendo nascer a mais bem estruturada proposta escolanovista da História da Educação Brasileira.

O grande desafio dos promotores do Programa, no Brasil, parecia ser primeiramente a resistência que os educadores e filósofos brasileiros tinham com o que "vinha de fora", especialmente dos EUA. A valorização do nacional, a redescoberta de si mesmo era a palavra de ordem da época. Este programa surgia na contra-mão do momento de

auto-afirmação da sociedade civil brasileira.

A partir de então o Programa de Filosofia para Crianças tem um ritmo de penetração muito intenso, chegando dez anos após sua implantação no Brasil, a alcançar mais de 3.000 professores treinados e aproximadamente 100.000 alunos que já tiveram contato com o programa.

Nos últimos anos, com o fortalecimento da onda neo-liberal, e com o comprometimento do paradigma marxista, foi possível o ressurgimento de alternativas reformistas, de forte vínculo com o liberalismo e o pragmatismo.

Com respeito ao referencial filosófico e pedagógico, o Programa de Filosofia para Crianças, se reconhece herdeiro das correntes norte-americanas do pragmatismo, sobretudo do pensamento filosófico e pedagógico de John Dewey e, mais recentemente, de Vygotsky. A influência de Dewey é fundamental não somente pelas contribuições de ordem educacional, mas pelo seu modelo epistemológico pautado na experiência e na preocupação deste com uma ordem moral e cívico-democrática.

Desta forma é importante recuperar Dewey, pelo seu significado ao Programa e pela influência que exerce nos educadores brasileiros, fundamentalmente em dois conceitos:

a) O conceito de experiência: para Dewey, tanto a filosofia quanto a teoria educacional, testam sua veracidade e utilidade pela experimentação. O grande critério de verdade, o fogo purificador, é a prática. O conceito de experiência tem o sentido de ratificar e ampliar os horizontes de uma experiência anterior, prevendo ou sendo o estofo da próxima.

Porém, a análise puramente empírica se revela frágil, na medida em que corre o risco de se pautar pelas falsas crenças, ou se evidencia como inoperante diante do novo, já que se apoia em algumas afirmações dogmáticas, fruto justamente da observação que originou um pensamento

cristalizado em dogmas. O método científico para Dewey analisa um fato, buscando entender os determinantes menores que interferem neste todo; submete o conteúdo absorvido pelos sentidos à abstração, e retira dele as relações (coisas que por si só os sentidos não captam), e o desconhecido.

Quer que as sensações sejam parte do conhecimento, não a sua totalidade. A experiência emerge como incitamento, como provocadora da pesquisa. O movimento decorrente desse desafio gerará a inferência e o conhecimento. Desta forma nos apoiamos em experiências pretéritas para gerar conhecimento, realizando experiências mais conseqüentes. A ciência só consegue expandir seus limites se estiver apoiada em sólidas e conseqüentes experiências.

b) o papel da escola: Para Dewey, existe a ameaça de tornar tão mecânica a aproximação entre teoria e prática, entre as experiências, que ela acaba por se revelar imediata demais. O mestre pode resumir o aprendizado à reprodução de um receituário pré-definido. O resultado imediato pode parecer satisfatório, porém, se revela irrefletido. Esta possibilidade se assemelha ao adestramento animal. É fundamental que o intelecto tenha presença marcante neste processo, pois, assim, os procedimentos técnicos terão significado e poderão se tornar elementos geradores e criativos em outras circunstâncias. Quer Dewey que os procedimentos à disposição da inteligência, sejam absorvidos pelos mecanismos dela própria. Muitas vezes, o conhecimento oriundo exclusivamente da memória dificulta e não esclarece a resolução dos problemas. Com isto é possível estabelecer uma crítica à escola que gera uma ruptura entre os modos (experiência) de aquisição de conhecimento da criança e os modos que a escola apresenta (absorção de conceitos e técnicas). Se o primeiro conta com uma saturação de significados individuais e sociais, o segundo não

respeita o conjunto de experiências trazidas pelas crianças, iniciando novo momento sem apresentar o elo comum entre as novas e as velhas informações.

Há que se ter atenção para o fato do conhecimento pessoal não necessariamente ser conhecimento, dentro de uma perspectiva de garantia. Antes ele nos capacita e nos incita a buscá-lo; nega, portanto, que o conhecimento se dê somente no âmbito paroquial, no senso comum. Este pode estimular metodologicamente, pode gerar expectativas, mas isto não significa, por si só, conhecimento.

A Escola Tradicional pecou, dentre outros motivos, por provocar uma superabundância nociva de experiências, cujo resultado foi a perda do desejo de aprender, onde elas pareciam mais um amontoado desconectado de situações sem vínculo entre si. Aliada à necessidade da experiência, temos, outro elemento importante na continuidade, não uma continuidade qualquer, mas sucessão articulada. A sucessão de um conjunto de experiências sem o menor vínculo não garante elevação ou amadurecimento, perde, portanto, seu valor educativo, empobrece a própria experiência, impede a formação de atitudes mais elaboradas, não gerando conhecimento, não modificando as experiências subseqüentes. E este é o cerne do "Learn by doing".

John Dewey herdeiro intelectual de Neef, lecionou na Universidade de Columbia entre 1904 e 1930, deixando vários seguidores, uma vasta obra escrita e a chama acesa de Jefferson.

Matthew Lipman, criador do Programa de Filosofia para Crianças, estudou na Universidade de Columbia (onde Dewey lecionara 15 anos antes), como estudante e, posteriormente, como professor, permaneceu por 18 anos na região, o que tornou possível conhecer sobremaneira a produção filosófica, educacional e política de Dewey, influenciando, sem dúvida, toda sua produção intelectual.

Lipman, como professor da escola secundária e da universidade, vinha percebendo que o pensamento rigoroso e sistemático começava a ser introduzido muito tarde, prejudicando o desenvolvimento do aprendizado. As informações eram memorizadas e não necessariamente compreendidas. O nível de elaboração mental de um aluno de 6ª série não diferenciava muito de um calouro universitário.

Ao final da década de 60 começou então, a dar aulas para turmas de 5ª e 6ª séries, utilizando as primeiras histórias que escreveu (mais tarde deram origem ao programa de "A descoberta de Ari dos Telles" - um trocadilho com o filósofo grego Aristóteles), discutindo questões filosóficas, ao mesmo tempo ampliando a ênfase e a sua própria compreensão em torno das habilidades e "ferramentas" cognitivas.

No início da década de 70, o Mont Clair State College convidou-o para trabalhar como professor e ofereceu condições e instalações para a criação do IAPC - Institute for the Advancement of Philosophy for Children. Assim, em 1974 quando o IAPC foi fundado, Lipman já contava com vários livros-textos e manuais já elaborados.

Em meados da década de 70, contando com a contribuição da Drª. Ann Margareth Sharp, Lipman já havia escrito quatro programas e seus respectivos manuais: "A descoberta de Ari dos Telles", "Lisa", "Issao e Guga", e "Marcos"; além de publicar dois livros ("Growing up with philosophy" e "Philosophy in the classroom"), e vários artigos versando sobre o Programa de Filosofia para Crianças.

Neste programa, duas idéias são fundamentais:

1) Habilidades de Raciocínio:

Lipman em "Filosofia vai à escola" salienta que os melhores professores não estão unicamente preocupados com que seus alunos saibam suas disciplinas, mas que aprendam o movimento do

pensamento inerente a elas, sua dinâmica interna e sua produção. Isto transcende a pura mecânica do aprendizado de um conteúdo. Não se trata somente de aprender a resultante de um processo investigativo, mas de dominar seu procedimento, trata-se de tornar-se um investigador.

O desenvolvimento do raciocínio crítico e criativo para o Programa de Filosofia para Crianças não está vinculado à faixas etárias, mas presentes desde as faixas mais novas, complexificam-se com o passar dos anos, pois seu desenvolvimento se dá socialmente; o pensar, o conhecimento e o significado são construções sociais.

Ao protelar estas experiências, estamos privando as crianças, por vezes o adolescente e o adulto, de construir uma compreensão da natureza, da sociedade e de sua própria identidade pessoal.

2) Comunidade de Investigação:

Para Lipman, é importante ter claro que não é possível exigir de crianças que comportem-se com razoabilidade e justiça, vindas de um meio onde as pessoas e as instituições fazem uso da razão inversa. Porém, acomodar-se a isto, significa aceitar a adoção desta irracionalidade. Se nos propomos a repensar em que tipo de mundo pretendemos viver, seremos forçados a pensar sobre um novo tipo de educação. Nesta direção Lipman aponta que é fundamental que a escola se converta à prática reflexiva. A comunidade de investigação surge como modelo adequado.

Neste sentido, Lipman e Habermas se aproximam. Para ambos a racionalidade está vinculada à prática da argumentação, dando continuidade à ação comunicativa. Esta produz entendimento sem pretender a "standardização" ou a coerção. Ao argumentarem, os sujeitos tematizam e ponderam a solidez de um argumento, produzindo ou não o convencimento.

O erro passa a fazer parte desta construção e reconstrução de idéias em comunidade. Torna-se parte do crescimento do grupo, do seu espírito auto-corretivo.

Não somente estas idéias, mas o Programa de Filosofia para Crianças se articula e coincide com os três elementos fundamentais da democracia em Dewey. O primeiro deles, e aqui não cabe hierarquia, é a veneração à liberdade. Essa não se resume a "ir e vir", mas tem um sentido mais amplo, que abrange tanto o exterior quanto o interior, ou seja, a liberdade de agir que se apóia no pensar, no desejar e no decidir é tão importante quanto a liberdade de movimento que rompe a passividade, o imobilismo, e a aquiescência.

O segundo valor fundamental é a inteligência. A concepção de inteligência que temos encara como hostil qualquer especulação acerca de uma nova ordem social. O que antes era um instrumento investigativo, que poderia apontar para o rompimento das verdades eternas da sociedade, hoje deve ser neutralizado, pois, se tornou ameaça ao "modus vivendi". O que antes era apontado como instrumento de elevação do homem da qualidade de servo para cidadão, hoje é prenúncio de autonomia e possivelmente crítica ao Estado liberal.

O terceiro valor fundamental se refere ao indivíduo. Não é possível pensarmos em experiência se não nos dirigirmos ao sujeito desta relação que é o indivíduo; ou ainda não há como pensarmos em educação sem nos reportarmos a aprendizagem àquele que exerce ou sofre a ação. Por fim, não há como imaginar democracia ou liberalismo como massa, dado que estas formas são estabelecidas para que os indivíduos que a compõem tenham liberdade de inteligência, ação conseqüente.

Mas faz-se necessário afirmar que Dewey nos chama a atenção para a necessária distinção entre o "rugged individualism" (rigor do individualismo) e o "rugged individuals" (rigor dos indivíduos ou da individualidade).

Enquanto a segunda tem sua origem na cooperação social, apoiada no juízo, a primeira anulou o desenvolvimento da individualidade, dando origem à violência, e à miséria.

***TEXTO APRESENTADO NO "II CONGRESSO IBERO-AMERICANO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO LATINO-AMERICANA"**

**** PROF. MS. DO DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
Membro do CEI/UNIR**

BANCO DE DADOS SÓCIO-ECONÔMICOS SOBRE O ESTADO DE RONDÔNIA-Uma Proposta

SÉRGIO RIVERO*

Resumo:

Este trabalho procura discutir a formulação de um modelo de banco de dados adequado a representar séries de variáveis que sejam objeto de pesquisa e colocar algumas questões relevantes sobre aspectos da sua agregação, tanto temática (agricultura, pecuária, governo, etc..) quanto geográfica (Municípios, Estados, micro regiões homogêneas). Dados sócio-econômicos são ferramenta fundamental para subsidiar estudos e pesquisas. A necessidade de organizar, agregar, guardar, recuperar, utilizar e divulgar informações sócio-econômicas sobre o Estado impõe que se inicie o quanto antes um projeto que possibilite tudo isso.

Palavras-Chave: Modelo, Geográfica e Sócio-Econômico.

Abstract:

This work tries to discuss the formulation of a model of appropriate database to represent series of variables that are research object and to place some important subjects on aspects of your aggregation, so much thematic (agriculture, livestock, government, etc..) as geographical (Municipal districts, States, personal computer homogeneous areas). socioeconomic Data are fundamental tool to subsidize studies and researches. The need to organize, to join, to keep, to recover, to use and to publish socioeconomic information on the State imposes that begins a project that makes possible all this as soon as possible.

Key-Words: I model, Geographical and Socioeconomic.

1. A Utilidade e a necessidade de um banco de dados sócio-econômicos sobre Rondônia (BDRO)

Este trabalho procura discutir a formulação de um modelo de banco de dados adequado a representar séries de variáveis que sejam objeto de pesquisa e colocar algumas questões relevantes sobre aspectos da sua agregação, tanto temática (agricultura, pecuária, governo, etc..) quanto geográfica (Municípios, Estados, micro regiões homogêneas).

Um dos maiores problemas para se estudar e compreender a realidade sócio-econômica de Rondônia é a falta de informações básicas sobre o Estado. Esta falta não é provocada pela pura e simples inexistência das informações. Na verdade mesmo as informações coletadas pelos órgãos oficiais do Estado encontram-se desagregadas, desorganizadas ou perdem-se por simples ausência de uma política que indique a importância de conservar séries históricas¹.

Com o desmantelamento do sistema de planejamento governamental do Estado, durante a década de 1980, esta situação só se agravou. Previsões de safra, dados sócio-econômicos dos municípios, características da produção agrícola, perfil do setor de comércio e serviços e da indústria são dados que, quando existem, necessitam de enorme esforço para sua recuperação.

Dados sócio-econômicos são ferramenta fundamental para subsidiar estudos e pesquisas. A necessidade de organizar, agregar, guardar, recuperar, utilizar e divulgar informações sócio-econômicas sobre o Estado impõe que se inicie o quanto antes um projeto que possibilite tudo isso.

¹ Basta citar o caso dos dados primários sobre o fluxo migratório para o estado, coletados de 1982 a 1988 e armazenados em fitas magnéticas no CEPRORD (Centro de Processamento de Dados de Rondônia) que eram apagadas semestralmente para serem reutilizadas, eliminando assim uma importante fonte de informação histórica sobre as características dos migrantes para Rondônia no período.

Um projeto desta amplitude tem que ser suficientemente genérico para possibilitar sua constante ampliação e inclusão de novas séries, variáveis e áreas de estudo. Deve fornecer, na medida do possível, dados básicos, não agregados, para que a sua agregação e organização possa ser feita de acordo com as necessidades de cada pesquisa. Para isto há duas características relevantes que deve ter o projeto: a primeira delas, é que as informações devem ser armazenadas em computador com um sistema gerenciador de banco de dados de forma a possibilitar a maior flexibilidade e eficiência no armazenamento e recuperação da informação; a segunda característica, é que o próprio modelo de dados utilizado deve possibilitar a inclusão de novas variáveis e séries históricas de modo que a ampliação do escopo do projeto possa se dar de forma gradativa e flexível.

2. As Possibilidades do BDRO

As possibilidades que este projeto abre, e o pequeno volume de recursos que implicam na sua implantação inicial, justificam a sua necessidade e relevância. O funcionamento de um banco de dados que congregue os diversos dados sócio-econômicos hoje dispersos em órgãos estaduais e federais de Rondônia, irá fomentar o surgimento de pesquisas que tenham uma maior consistência empírica e permitirá que se possa ter uma visão de conjunto que possibilite um compreensão melhor do processo de desenvolvimento sócio-econômico de Rondônia.

Com a consolidação deste Banco de dados abre-se a médio e longo prazo a possibilidade da UNIR tornar-se fornecedora destes dados a pesquisadores, órgãos públicos e empresas, podendo daí gerar receitas próprias pelo fornecimento deste serviço.

Além disso o banco de dados servirá como instrumento de consulta para alunos da UNIR que estejam elaborando trabalhos de pesquisa, como

monografias de graduação e trabalhos de iniciação científica.

O BDRO não se limita a imitar o papel do IBGE e de diversos órgãos do Estado que produzem e armazenam dados sócio-econômicos, mas procura centralizar, organizar e facilitar o acesso a estes dados. O projeto traz, a partir da sua implantação diferenças fundamentais em relação às informações armazenadas no IBGE. A primeira é o fato de se trabalhar com informações organizadas especificamente sobre Rondônia, juntando dados de diversos órgãos, inclusive do próprio IBGE. A segunda diferença diz respeito ao fato de que o banco (como veremos adiante) possibilitará diversas visões e agregações para um mesmo conjunto de dados. Além disso o projeto pode ser expandido para possibilitar a inclusão de unidades menores que um município. Porém esta é uma possibilidade que precisa de maior discussão, pois para tanto é necessário achar formas de resolver problemas de unidades como os projetos de colonização que às vezes ocupam o espaço de mais de um município.

3.A Construção do Modelo e a discussão do seu projeto

Assumimos para o desenho do modelo de banco de dados a notação de entidade-relacionamento. A ferramenta para a implementação do projeto é um software gerenciador de banco de dados compatível com o modelo relacional (Pode ser o FOXPLUS ou ACCESS). A implementação inicial do projeto é simples e não exige muitos recursos de equipamento e software, na verdade ela será mais consequência do esforço das pessoas que se envolverem no projeto do que dos recursos técnicos empregados que são mínimos.

3.1.As estruturas ESTADO, MUNICÍPIO E MRH

As estruturas do BDRO podem ser classificadas em três tipos. O primeiro tipo de estrutura são aquelas que estabelecem a base geográfica para os dados, estas estruturas no modelo são **ESTADO**, **MRH** (micro região homogênea - de acordo com a classificação da FIBGE) e **MUNICÍPIO**. Estas estruturas possibilitarão localizar os dados das variáveis do modelo dentro do estado, possibilitando assim um nível de detalhamento até município. A inclusão de projetos de colonização, ou outras formas de divisão do espaço está em aberto e ainda não formalizada neste modelo.

3.2. A Estrutura dos Dados de Séries

O elemento fundamental no modelo de banco de dados a ser construído é o dado de uma série histórica (observação), **Dados de Séries**, portanto, é a entidade para a qual convergirão a maioria dos relacionamentos, será a estrutura que conterá os dados desagregados das variáveis registradas na estrutura **Variáveis**. Nesta entidade estarão, portanto, os dados de cada observação de uma série. As informações de Micro Região Homogênea (MRH), Município, Estado e Variável a que pertence a observação também deverão estar registradas caso existam. Este é um problema a ser discutido, ou seja, os dados devem ser desagregados geograficamente de que maneira? Outra questão é: para os dados que não tiverem MRH ou município qual o tratamento? E ainda, como devem ser tratados os sucessivos desmembramentos de municípios no Estado? As respostas para estas questões são importantes para a construção de um modelo adequado e coerente.

Poderemos ter **N** registros (observações) de **Dados de Série** para cada registro de **Variável**, além disso poderemos também ter **N** registros de **Dados de Série** de uma **Variável** para

Município e **MRH**. Isto permitirá a agregação de dados por qualquer uma destas entidades.

3.3. As Estruturas Variáveis, Tabelas e Agregações

A estrutura **Variáveis** contém a informação sobre as variáveis existentes no banco de dados. Um conjunto de variáveis está organizado em uma **Tabela** num relacionamento **m** para **n**. Uma variável pode ser usada em mais de uma tabela e as tabelas podem conter mais de uma variável.

A estrutura **Tabelas** agrega os nomes e as descrições de todas as tabelas utilizadas no banco de dados. É a partir desta estrutura que se pode construir diferentes visões dos dados disponíveis. As tabelas podem ser incluídas no banco de dados sem grandes restrições. A única condição prevista é que as variáveis citadas no relacionamento **Variáveis vs Tabelas** devem, obviamente, existir dentro da estrutura **Variáveis**.

Quanto à estrutura **Agregações**, esta conterá os "esquemas" de análise que serão utilizados. Esta estrutura será um "mapa" que apontará para as tabelas usadas na análise. Haverá, em princípio um conjunto de tabelas para cada esquema de **Agregações**.

4. Problemas, possibilidades e benefícios deste projeto.

Este texto é o princípio do trabalho de elaboração do BDRO. Não é possível neste momento antever de forma completa e detalhada todas as implicações e problemas que virão no trabalho concreto de implementação do Banco. O nível de complexidade do projeto é alto e a sua execução provavelmente implicará no surgimento de problemas relacionados às diversas formas como os dados estão organizados e de que maneira será necessário recuperá-los. Acreditamos que o modelo

ora proposto é o mais adequado possível para permitir as melhores soluções para estes problemas que surgirão, porém, as críticas e contribuições ao esboço ora apresentado são bem-vindas e necessárias para que possamos aperfeiçoá-lo. O projeto é, pelas suas próprias características, pensado como incompleto e aberto às correções e ajustes que certamente virão.

As possibilidades que este projeto abre, e o pequeno volume de recursos que implica na sua implantação inicial, justificam a sua necessidade, relevância e viabilidade de implantação. O funcionamento de um banco de dados que congregue as diversas informações sócio-econômicas hoje dispersas em órgãos municipais, estaduais e federais de Rondônia, certamente irá possibilitar o surgimento de pesquisas que tenham uma maior consistência empírica e permitirá que se possa ter uma visão de conjunto da produção e demografia no Estado.

Com a consolidação deste Banco de Dados abre-se a médio ou longo prazos a possibilidade da UNIR tornar-se fornecedora destes dados a pesquisadores, órgãos públicos e empresas.

Além disso o treinamento de alunos da universidade através dos programas existentes no CNPq e MEC possibilitará certamente que se desperte vocações de pesquisa e a formação de profissionais mais conhecedores e "sintonizados" com a realidade social de Rondônia.

*** Professor do Departamento de Ciências Econômicas/UNIR**

A CIDADE: VIRTUALIDADES E DINÂMICAS

MARIA DE FÁTIMA RODRIGUES*

Resumo:

O processo de urbanização trouxe no seu bojo diversos problemas e a forma que o homem encontrou para retratá-los varia para além das denúncias e reivindicações coletivas. A cidade é assim: casas, ruas, praças, edifícios, feiras, parques de diversões, transeuntes, pedestres, carros, poluição, barulho, semáforos. Isso tudo apresenta-se de forma sincronizada e expressa uma realidade; realidade que engendra a cada dia novos acontecimentos, novas teias de relações, dando novo sentido ao espaço e servindo de inspiração aos poetas e compositores. tal é a rapidez com que as crianças crescem, se agigantam, se transformam, que nos causa estranhamento.

Palavras-Chave: Urbanização, Expressa e Espaço.

Abstract:

The urbanization process brought in your salience several problems and the form that the man found to portray them it varies for besides the accusations and collective revindications. The city is like this: houses, streets, squares, buildings, fairs, amusement parks, pedestrians, pedestrians, cars, pollution, noise, traffic lights. That everything comes in a synchronized way and expresses a reality; reality that engenders every day new events, new tissues of relationships, giving new sense to the space and serving from inspiration to the poets and composers. such it is the speed with that the children grow, if agigantam, change, that in the cause estranhamento.

Key-Words: Urbanization, Expresses and I Space.

O processo de urbanização trouxe no seu bojo diversos problemas e a forma que o homem encontrou para retratá-los varia para além das denúncias e reivindicações coletivas:

***Não posso ficar nem mais um
minuto com você
Sinto muito amor, mas não
pode ser,
moro em Jaçanã, se eu perder
esse trem
que sai agora as onze horas,
só amanhã de manhã.***

Assim, o cantor e compositor Adoniran Barbosa, mostra o seu dilema de homem urbano diante da mulher amada: dividido que está entre o desejo de ficar e a necessidade de partir. Quantos, em algum momento, não ficamos divididos por esse desejo?! Afinal, nos tempos modernos - contrariamente ao que acontecia antes da Revolução Industrial¹-, é o ritmo do relógio quem comanda em grande parte, o ritmo de vida. Hora de dormir, hora de acordar, hora de trabalhar, hora de lazer, hora de estudar. Tempos que nem sempre o nosso ritmo biológico, nem os nossos desejos acompanham:

***(...)
Tempo, tempo, tempo, tempo,
compositor de destinos,
tambor de todos os ritmos,
tempo, tempo, tempo, tempo
(...)
Peço-te prazer legítimo e o
movimento preciso
tempo, tempo, tempo, tempo.***

Assim é a oração do tempo de Caetano: um apelo ao tempo-em busca do prazer legítimo cada vez mais raro, numa sociedade onde a festa foi apropriada pelo capital como sinônimo de lazer.

A cidade é assim: casas, ruas, praças, edifícios, feiras, parques de diversões, transeuntes, pedestres, carros, poluição, barulho, semáforos. Isso tudo apresenta-se de forma sincronizada e expressa uma realidade; realidade que

engendra a cada dia novos acontecimentos, novas teias de relações, dando novo sentido ao espaço e servindo de inspiração aos poetas e compositores:

***Alguma coisa acontece no meu
coração
que só quando cruza o
Impiranga e a Avenida São
João
é que quando cheguei por aqui
eu nada entendi
da dura poesia concreta de
tuas esquinas
da deselegância discreta de
duas meninas...²***

Outrossim, tal é a rapidez com que as crianças crescem, se agigantam, se transformam, que nos causa estranhamento, assim como causou ao poeta Fernando Pessoa:

***Cidades, com seus
comércios...
tudo é permanente estranho,
mesmamente,
descomunal, no pensamento
fundo,
tudo é mistério, tudo é
transcendente
Na sua complexidade enorme:
Um raciocínio visionado e
exterior
Uma ordeira misteriosidade,
Silêncio interior cheio de
som³.***

Mas afinal, o que é a cidade? Os dicionários a definem de forma simples:

***complexo demográfico
formado por importante
concentração populacional,
dada a atividade de caráter
mercantil, industrial e cultural;
urbe⁴. Povoação de categoria
superior à vila⁵.***

Ainda que as definições acima citadas, tragam à tona alguns elementos importantes do urbano, pensada desta forma, a cidade apresenta-se essencialmente como *locus* de concentração populacional, o que

impossibilita avançar no sentido de destacar a sua dinâmica, bem como os processos históricos que a originaram.

A cidade é sem dúvida *locus* de concentração da força de trabalho, mas não é tão somente o número de habitantes quem vai definir as dinâmicas do espaço urbano: quem define a cidade do ponto de vista de sua gênese histórica é basicamente a existência de uma divisão social e territorial do trabalho e a diversidade de "fazer" e "afazer" que essa divisão proporciona.

É importante salientar que o surgimento da cidade foi marcado em grande parte, pelo desejo e pela necessidade do homem, em relacionar-se com o lugar. Entretanto, ao longo da história, existiram povoados que ultrapassaram outros em número de habitantes e que não "evoluíram" no sentido de tornarem-se cidade; contudo outros povoados, em função de sua localização (pontos geoestratégicos) e/ou por serem "palco" de atividades econômicas rentáveis, deram origem a importantes cidades.

Para além da necessidade de conhecermos as diversas abordagens teóricas existentes sobre a cidade e o urbano, as quais trouxeram importantes contribuições no sentido de possibilitar a compreensão do espaço urbano, faz-se importante que os pesquisadores desta área, reflitam sobre a cidade enfatizando o sentido do lugar, sem perder de vista a sua inserção no contexto global. Para tanto, torna-se relevante resgatar os aspectos culturais que persistem no interior do movimento de fragmentação e globalização⁶, movimento pelo qual passa a sociedade contemporânea.

BIBLIOGRAFIA:

- 1- THOMPSON, E. Tiempo, disciplina de trabalho e capitalismo industrial. In: ***Tradicion, revuelta y consciencia de classe***, Barcelona, Editorial Crítica, 1979.
- 2- VELOSO, C. **SAMPA**.

- 3- PESSOA, F. ***Obra Poética***. RJ, Nova Aguilar, 1985, p.454.
- 4- FERREIRA, A.B.H. ***Novo Dicionário de Língua Portuguesa***. RJ, Nova Fronteira, 1988.
- 5- BUENO, F. S. ***Dicionário de Língua Portuguesa***. RJ, FAE, 1984.
- 6- SANTOS, M. A Aceleração Contemporânea: tempo mundo e espaço mundo. In: ***Fim de Século e Globalização***. SP, Hucitec-ANPUR, 1993.

* Professora de Geografia Urbana do Dep. de Geociências da UFPb. Mestranda em Geog. Humana na FFLCH/USP-DG

RESEENHA BIBLIOGRÁFICA

SOCIEDADE, RELIGIÃO E CIÊNCIA

ARNEIDE BANDEIRA CEMIN*

Resumo:

A estrutura da obra reflete os procedimentos estabelecidos por Durkheim em seu livro "As Regras do Método Sociológico". Nela o autor recomenda que a pesquisa sociológica comece pela construção de uma definição preliminar do objeto em estudo, obtida através do exame crítico das definições já estabelecidas, alcançando-se com isto, o afastamento das "pré-noções". Afastadas as pré-noções o autor dá início a construção de sua própria definição conceitual. Parte do pressuposto de que a religião é um sistema de partes integradas. Argumenta que do ponto de vista metodológico é mais correto proceder a análise das partes, visando caracterizar os fenômenos elementares que compõe o todo. Isola duas categorias analíticas que considera como elementos básicos do fenômeno religioso: as **crenças** - estados da opinião, representações - e os **ritos** - modo de ação determinados.

Palavras-Chave: Crenças, Análise, Representações e Ritos.

Abstract:

The structure of the work reflects the established procedures for Durkheim in your book " The Rules of the Sociological " Method. In her the aurtor recommends that the sociological research begins for the construction of a preliminary definition of the object in study, already obtained through the critical exam of the definitions established, being reached with this, the removal of the " pré-notions ". Moved away the pré-notions the author he/she gives beginning the construction of your own conceptual definition. It breaks of the presupposition that the religion is a system of integrated parts. It argues that of the methodological point of view it is more correct to proceed the analysis of the parts, seeking to characterize the elementary phenomena that composes the whole. It isolates two analytic categories that considers as basic elements of the religious phenomenon: the faiths -states of the opinion, representations - and the ritos - action way determined.

Key-Words: Faiths, Analysis, Representations and Ritos.

DURKHEIM, E. **As Formas Elementares da Vida Religiosa.** (Trad. Joaquim Pereira Neto - Rev. José Joaquim Sobral) SP. Ed. Paulinas. 1989. 536p.

O texto, foi publicado pela primeira vez em 1912, e está estruturado em três livros anteceditos por uma introdução. Nela o autor esclarece o objeto da pesquisa, estabelecendo um objeto principal e outro secundário.

Através do primeiro objeto, propõe-se a determinar as formas elementares de vida religiosa, investigando a religião mais simples que se conheça. No caso, o **totemismo australiano**. Postula uma relação de correspondência entre estrutura e instituição social. Deste modo, à uma sociedade considerada mais simples, como a australiana, deveria corresponder uma religião também simples, elementar, da qual teriam evoluído formas constitucionais mais complexa.

A estratégia do primeiro objeto circunscreve-se à questão da origem. Não enquanto começo absoluto. Mas, visando discernir as **causas** mais essenciais do pensamento e da prática religiosa. Durkheim desloca o problema da causa como questão central.

Ao tratar do objeto secundário de sua pesquisa, a gênese das categorias de pensamento, aborda problemáticas relativas à teoria do conhecimento, localizando a origem das categorias de pensamento na religião, e a origem da religião nos processos sociais.

A estrutura da obra reflete os procedimentos estabelecidos por Durkheim em seu livro "As Regras do Método Sociológico". Nela o autor recomenda que a pesquisa sociológica comece pela construção de uma definição preliminar do objeto em estudo, obtida através do exame crítico das definições já estabelecidas, alcançando-se com isto, o afastamento das "pré-noções".

Afastadas as pré-noções o autor dá início a construção de sua própria

definição conceitual. Parte do pressuposto de que a religião é um sistema de partes integradas. Argumenta que do ponto de vista metodológico é mais correto proceder a análise das partes, visando caracterizar os fenômenos elementares que compõe o todo. Isola duas categorias analíticas que considera como elementos básicos do fenômeno religioso: as **crenças** - estados da opinião, representações - e os **ritos** - modo de ação determinados.

Identifica as crenças religiosas como uma forma de classificação binária que divide as coisas reais ou ideais em duas categorias opostas: sagrado e profano. O que define o fenômeno religioso, além dessa classificação bipartida do universo em dois gêneros, é a existência de uma comunidade moral - a igreja - que une a todos os adeptos em uma articulação de crenças e de práticas relativas às coisas sagradas.

Deste modo, o livro primeiro trata os dados pertinentes à definição do fenômeno, o livro segundo é relativo às crenças e o livro terceiro, aborda a questão do ritual. O primeiro livro trata das questões preliminares e divide-se em quatro capítulos. No primeiro, Durkheim trata da definição do fenômeno religioso e da religião, no segundo e no terceiro aborda as principais concepções de religião elementar: o animismo e o naturismo; e no quarto capítulo situa o totemismo como religião elementar, fazendo um histórico da questão e explicitando o seu método para tratá-lo, incluindo suas referências empíricas.

O livro segundo, enfoca as crenças elementares localizando, ao longo de seis capítulos, as crenças "propriamente" totêmicas. No capítulo um o autor analisa o totem como nome e como emblema; no capítulo dois, as relações entre o animal totêmico e o homem; no três, o sistema cosmológico do totemismo e a noção de gênero; no quatro, o totem individual e o totem sexual; no capítulo cinco, Durkheim procede a um exame crítico das teorias sobre a origem das crenças totêmicas; e

nos capítulos seis e sete discute a noção de princípio ou "mana" totêmico e a idéia da força. Nos capítulos oito e nove, respectivamente, o autor enfoca a noção de alma e a noção de espíritos e de deuses.

No livro terceiro, Durkheim aborda as principais atitudes rituais, começando pelos ritos ascéticos e suas funções. No capítulo um, todo o sistema de proibições é analisado sob o título "O Culto Negativo e Suas Funções". Nos capítulos dois, três e quatro, o autor discute o "culto positivo", subdividindo-o em: os elementos do sacrifício, os ritos miméticos e o princípio de causalidade e os ritos representativos ou comemorativos. No capítulo cinco, são analisados os ritos piaculares e a ambiguidade da noção do sagrado. O capítulo cinco encerra o livro terceiro e remete para a conclusão do trabalho.

Na conclusão, Durkheim indaga em que medida os resultados obtidos por ele em sua pesquisa podem ser generalizados. Ou seja, é possível fazer afirmativas sobre a natureza da religião em geral, a partir da análise de uma religião particular, definida como elementar?

A resposta de Durkheim é afirmativa. Primeiro porque, segundo ele, a religião totêmica contém em si os elementos mais característicos da vida religiosa. Isto é, nela estão presentes todas as grandes **idéias** e todas as **atitudes** que estão na base de todas as religiões. Em segundo lugar, argumenta que os limites de uma indução obtida através de uma base restrita de observação podem ser superados por uma experiência bem feita.

Conclui, que se a explicação sociológica para a origem do pensamento religioso é válida para a compreensão da origem das crenças e dos ritos totêmicos, ela também o é para a idéia de religião em geral: uma vez, que o mesmo efeito, provém da mesma causa e uma mesma idéia provém de uma mesma realidade. Neste ponto, Durkheim destaca ainda, a importância de a análise sociológica feita

em bases indutivas, apoiar-se em uma pesquisa empírica bem definida, evitando-se assim, o vazio especulativo.

Aborda em seguida, o problema da diferença entre o pensamento religioso e o pensamento científico. Salienta a perspectiva diferenciada que **teóricos** e **crentes** têm do fenômeno religioso. Afirma que a maioria dos teóricos, consideram as crenças - as representações, como elemento essencial das religiões e o culto como tradução exterior da crença. Essa concepção, segundo ele, induz o debate sobre religião em termos de sua compatibilidade ou incompatibilidade com a ciência.

Para os crentes, a questão se coloca de forma diferenciada. Uma vez que do seu ponto de vista a religião é apreendida existencialmente. Eles sentem o fenômeno de uma forma direta e o identificam como uma experiência extraordinária em relação aos fatos ordinários do cotidiano. Dessa perspectiva, o que a experiência evidencia é que a verdadeira **função** da religião não é a de nos fazer pensar, mas a de nos fazer agir, nos ajudar a viver.

Indagando acerca de como uma simples idéia pode ter eficácia. Durkheim infere um postulado essencial da sociologia: uma instituição humana não poderia sustentar-se sobre o erro e a mentira. Portanto, o sentimento dos crentes não é ilusório. Ele se assenta sobre uma experiência específica, embora seja diferente. Entretanto, acreditando que a realidade é apreendida pela elaboração conceitual, Durkheim conclui que a impressão dos crentes não corresponde à realidade que institui as religiões. Deste modo, localiza as origens da experiência religiosa nas evidências conclusivas de sua própria análise científica: a realidade que funda a experiência religiosa é a sociedade. A religião portanto, tem um sentido absolutamente humano.

Ao discutir o tipo de sociedade que funda a experiência religiosa, Durkheim coloca e pauta a questão do ideal e do

real nas relações sociais. Indica que o ideal não se opõe ao real, mas o constitui e é constituído por ele. Uma sociedade não se cria e recria sem constituir o ideal. Entretanto, essa criação não é um ato externo, suplementar ou complementar ao real. É inerente ao processo pelo qual a sociedade se faz e se refaz periodicamente.

Durkheim elege como "*locus*" de criação do real, sem no entanto, desvinculá-lo das bases sociais de que depende. Mas apesar de dependente das formas materiais da sociedade, a vida coletiva, expressa na dimensão do ideal não é simples "epifenômeno da morfologia social". A vida coletiva, enquanto síntese "*sui generis*" das consciências particulares, guarda uma certa independência, em relação às bases materiais, além de obedecer às leis que lhes são próprias.

Para Durkheim, é um certo grau de efervescência da vida coletiva que desperta o pensamento religioso e conseqüentemente as bases para a criação do ideal, que é então sobreposto ao real. É isto que define o sagrado, e portanto o ideal.

Entretanto, o ideal surge pela ação, origina-se nos ritos, na reunião e concentração de consciências particulares. É a dimensão do ritual que evidencia o que há de eterno na religião: a necessidade social de celebração dos ritos necessários à restauração moral da sociedade. Por isto Durkheim afirma não haver diferença de função entre as cerimônias religiosas e as cerimônias cívicas.

Mas, a religião não contém apenas a dimensão da ação, não é só um sistema de práticas, é também um sistema de pensamento que objetiva expressar o real; é também por tanto, uma cosmologia que explica o mundo. Neste ponto, Durkheim introduz uma distinção analítica entre práticas e crenças e a partir dessa diferença situa o debate que opõe religião e ciência.

O sistema de práticas remete à ação, que o sistema solicita e regula. O

sistema de crenças é função do pensamento que o sistema enriquece e organiza. Ambos não dependem das mesmas condições, visto que o sistema de crenças, o pensamento, depende de condições lógico-conceituais que por seu caráter de impessoalidade e comunicabilidade são passíveis de universalidade. Enquanto o sistema de práticas, por atender exigências imediatas, pauta-se em representações sensíveis, intuídas e vivenciadas através da fé.

Para Durkheim, o conflito entre religião e ciência incide sobre as funções que uma e outra exercem no mundo moderno. Isto porque a ciência tende cada vez mais a substituir a religião enquanto sistema de pensamento. Além do mais, uma vez estabelecida a legitimidade da ciência, é nela que a religião procura evidências para seu fundamento teórico. Mas por outro lado, a ciência, pela especificidade de seus processos de construção do conhecimento: lento, fragmentário, incompleto; e pelo seu modo de fixação e transmissão - a língua materna, que só muda muito lentamente - não pode substituir a religião enquanto ação, enquanto meio de fazer o homem viver. Portanto, o conflito está circunscrito às funções que ciência e religião exercem.

Ao indagar os processos pelos quais as categorias exprimem as coisas sociais, afirma que as categorias, por corresponderem às propriedades mais universais das coisas, exprimem fundamentalmente o conceito de **totalidade** que por sua vez tem origem na sociedade: a noção do todo, que se encontra na base das classificações, só podem se tornar conscientes na sociedade. O conceito de totalidade é apenas a forma abstrata do conceito de sociedade. A sociedade é o todo que compreende todas as coisas. Para Durkheim, o princípio que orienta as classificações, relaciona todas as coisas e todos os seres aos quadros sociais de tal modo que o mundo todo é classificado pelas categorias sociais.

Mas, enfatiza Durkheim, se as sociedades contém e expressa o mundo, o espaço que ela ocupa é o **espaço total**: social. Espaço que difere das extensões concretas que os sentidos nos fazem perceber. O **espaço social** é um espaço ideal, ao qual corresponde um **tempo total**: social, que abarca todas as temporalidades particulares. Se a esses espaço e tempo sociais correspondem algum fenômeno material, é porque sinais objetivos são utilizados como elementos sensíveis demarcadores dessa organização social.

Para orientar-se pessoalmente e satisfazer suas necessidades orgânicas o indivíduo não precisa fixar uma representação conceitual de tempo ou espaço. A organização social, entretanto, só é possível pela classificação. Portanto, *"... o tempo social, as classes sociais, a causalidade coletiva se encontram na base das categorias correspondentes, já que foi sob as suas formas sociais que as diversas relações pela primeira vez, foram apreendidas com certa clareza pela consciência humana"* (pág. 523).

As formas sociais, as sociedades, se particularizam, ganham características próprias, e neste sentido, encerram elementos subjetivos que representam o **germe** de mentalidade nova, que progressivamente "purificada", caminha para o pensamento estabelecido, impessoal e organizado. Constituindo-se então, em um pensamento lógico. Conclui portanto, que a sociedade não é um ser alógico, ela é a fonte do pensamento religioso, moral, lógico e científico.

Não há portanto, autonomia entre ciência de um lado, a moral e a religião por outro, uma vez que originam-se de uma mesma fonte: o pensamento "verdadeiramente" humano, não é um dado primitivo, mas um produto histórico. A razão impessoal é apenas um outro nome dado ao pensamento coletivo, fonte de toda criação.

Atribuindo à sociedade uma função de força criativa, Durkheim finaliza

sua obra explicitando as contribuições da sociologia para a ciência do homem. Ela permitiria a superação das explicações que diminuem as faculdades "superiores" do homem reduzindo-as às formas "inferiores" do ser: a razão aos sentidos, o espírito à matéria; e aquelas que remetem à explicações de caráter supra experimental. E conclui: se a explicação sociológica não resolve todos os problemas explicativos, contribui com uma hipótese que deve ser submetida tão metodicamente quanto possível ao controle dos fatos. Foi o que procuramos fazer, acrescenta.

Os "fatos" submetidos ao controle analítico de Durkheim nesta obra, àqueles através dos quais ele tentou demonstrar sua teoria, referem-se à alguns grupos de aborígenes australianos. Durkheim usou ainda, como contra-prova, dados sobre o totemismo entre os índios americanos..

Os principais dados empíricos utilizados por Durkheim, para sociedades australianas, foram àqueles resultantes de Spencer, Gillen, Howitt e Strehlow. Quanto aos índios americanos, Durkheim pôde contar com fontes variadas, tais como, os trabalhos de Frazer e Morgan.

Entretanto, segundo Evans-pritchard (in: Antropologia Social da Religião), escolha de Durkheim quanto às sociedades australianas foi inadequada porque a literatura acerca daqueles aborígenes - apesar de considerada como muito significativa à época em que Durkheim escreveu o seu trabalho - era e ainda o é (1965), pobre e confusa. Além do que, a explicação do tipo causa-efeito já não está tão de acorde com o pensamento científico moderno em geral, pois este procura revelar e compreender relações constantes.

Professora do Departamento de Filosofia, Antropologia e Sociologia da Univ. Fed. Rondônia.

**Doutoranda em Antropologia na USP.
Membro do CEI/UNIR**

ESPAÇO DO ESTUDANTE

NELSON RODRIGUES E O BURACO DA FECHADURA

FABÍOLA LINS CALDAS*

Resumo:

Nelson enxergava pelo "buraco da fechadura" o que a classe média, a esquerda e a direita das décadas de 40 à 70, tentavam a todo custo esconder. A decadência da inteligência e a ascensão dos intelectuais subdesenvolvidos, "...*cuja maior característica era o pânico de não parecer imbecil*", enxergava os desejos contidos, os medos e esperanças dessas gerações. Suas peças, artigos e contos de jornais chocavam porque revelavam a verdadeira face das pessoas. Sua obra é o desmascaramento de um mundo altamente falso - "*O homem é o único ser capaz de se falsear*" - que se esconde atrás de preconceitos e pudores ridículos, causadores de tantas desgraças, de uma desgraça ainda maior: a perda da auto-estima e da dignidade. Um povo que por saber-se cínico "*...cuspiu na própria imagem*" e hoje cospe na alma. Segundo Nelson eram narcisos "...às avessas", embora ele soubesse "*...que certos pudores e certos*".

Palavras-Chave: Pudor, Desejos e Esperanças.

Abstract:

Nelson saw for the "keyhole" the one that the middle class, the left and the right of the decades of 40 at 70 o'clock, they tried her/it every cost to hide. The decadence of the intelligence and the intellectuals' underdeveloped, larger characteristic ascension "...*cuja* was the panic of not seeming imbecile", he/she saw the contained desires, the fears and hopes of those generations. Your pieces, goods and stories of newspapers collided because they revealed the people's true face. Your work is highly the desmascaramento of a world false - "THE man is the only to be capable to distort" - that hides behind prejudices and ridiculous shames, causadores of so many misfortunes, of a misfortune still larger: the loss of the self-esteem and of the dignity. A people that for knowing cynic "...*cuspiu in the own image*" and today he/she spits in the soul. According to Nelson they were narcissuses "...às contrary", although he knew "...*que certain shames and certain*".

Key-Words: Shame, Desires and Hopes.

Nelson Rodrigues via o mundo pelo "Buraco da Fechadura". Sua obra transforma "o normal", "o cotidiano", em aparentes absurdos. Traz à tona a intimidade negada e escondida de uma geração, de um povo, que era a sua própria intimidade "monstruosa", a intimidade do homem. O cotidiano trágico e apaixonado da obra de Nelson, não se encontrava nas ruas, não era visto a olho nu, mas essencialmente pelo "buraco da fechadura", através dele, expôs sua alma, o seu universo escrachado, exagerado e polêmico.

Nelson enxergava pelo "buraco da fechadura" o que a classe média, a esquerda e a direita das décadas de 40 à 70, tentavam a todo custo esconder. A decadência da inteligência e a ascensão dos intelectuais subdesenvolvidos, *"...cujas maior característica era o pânico de não parecer imbecil"*, enxergava os desejos contidos, os medos e esperanças dessas gerações.

Suas peças, artigos e contos de jornais chocavam porque revelavam a verdadeira face das pessoas. Sua obra é o desmascaramento de um mundo altamente falso - *"O homem é o único ser capaz de se falsear"* - que se esconde atrás de preconceitos e pudores ridículos, causadores de tantas desgraças, de uma desgraça ainda maior: a perda da auto-estima e da dignidade. Um povo que por saber-se cínico *"...cuspia na própria imagem"* e hoje cospe na alma. Segundo Nelson eram narcisos *"...às avessas"*, embora ele soubesse *"...que certos pudores e certos brios, exigiam um salário e as três refeições"*.

E Nelson podia falar disso de coração, pois passou por todas as humilhações, sentiu todas as dores e todas as idignações que um homem pode passar. Ele era o povo brasileiro!

Pela ótica de ficcionista de Nelson o povo brasileiro *"...é fascinado por qualquer ajuntamento, adora um atropelamento, uma batida, uma traição, um escândalo e um intelectual estrangeiro"*. Um povo *"...racista por natureza"*, *"...o brasileiro é um feriado"*,

temos a alma do feriado", *"...o brasileiro é um ser crispado de solidão e humildade"*, dizia Nelson.

Mas o povo não se via assim. Estávamos nos modernizando, o País inteiro se desenvolvendo. Acontecia nas artes, no pensamento, na política uma *"verdadeira revolução"*, era a época dos *"politicamente corretos"*. Para Nelson era o início do *"anti-Brasil"*, da *"anti-inteligência"*.

Nelson previu a massificação do humano, a padronização do pensamento, das opiniões. Quando chegamos a esse ponto qualquer pessoa pode ser qualquer coisa, *"...qualquer bate-papo é um seminário"*, não há mais nada em profundidade, o mundo é o mundo visível, o mundo da mercadoria, ninguém mais tem opinião própria.

Nelson era o moralista mais imoral que existiu e seus personagens e enredos são reflexos disso: a mulher que trai o marido com o melhor amigo; a solteirona enrustida, cheia de pensamentos pecaminosos; a viúva linda, desejada, mas extremamente honesta; o velho paquerador; o ébrio; o ciumento sem razão; o paspalho que é traído; a mocinha que se apaixona por um gorila; o pai que compra um marido para filha grávida; o oportunista; os casais que fazem pactos de morte e todos os tipos de incesto, crimes e loucuras. A dissecação doentia de todos os desejos, de todas as infâmias, de todas as tolices.

A perspectiva ficcional de Nelson Rodrigues (o buraco da fechadura) permitia não somente uma intromissão na intimidade e no mistério, mas acima de tudo, uma ficção que radiografou clinicamente a pequena grande alma do povo, que desdentadamente *"baba na gravata"*. Com isso ele reformulou a linguagem pueril, romântica e falsamente filosófica dos nossos escritores: com Nelson pela primeira vez o povo brasileiro, o idiota, imoral e moralista povo brasileiro entrou na nossa literatura. Não um povo idealizado: um povo bestializado. E como ele dizia, *"...um povo besta de dar dó"*, que ele tanto

amou e soube com ninguém transformar em arte, sentimento e paixão, transformada em linguagem, em diálogo de um novo e revolucionário teatro.

Nelson foi ao mesmo tempo o crítico e a vítima de uma sociedade hipócrita, que um buraco de fechadura jamais poderá dissecar completamente. No entanto a sua pequenez só pode ser vista pelo "Buraco da Fechadura."

Bibliografia Consultada:

- 1- RODRIGUES, Nelson. **A Menina sem Estrela: memórias.** Companhia das Letras, São Paulo, 1993.
- 2- ----- . **O Óbvio Ululante: primeiras confissões.** Companhia das Letras, São paulo, 1993.
- 3- ----- . **A Vida como ela è...: O homem fiel e outros contos.** Companhia das Letras, São paulo, 1992.
- 4- ----- . **O Casamento.** Companhia das Letras, São Paulo, 1992.
- 5- ----- . **A Coroa de Orquídeas.** Companhia das Letras, São paulo, 1993.
- 6- ----- . **Teatro Completo: Peças psicológicas .** Nova Fronteira, vol. 1, Rio de Janeiro, 1981.
- 7- ----- . **Teatro Completo: Peças Místicas.** Nova Fronteira, Vol. 2 , Rio de janeiro, 1981
- 8- ----- . **Teatro Completo: Tragédias cariocas I.** Nova fronteira, Vol. 3, Rio de janeiro, 1985.
- 9- ----- . **Teatro Completo: Tragédias Cariocas II .** Nova Fronteira, vol. 4, Rio de Janeiro, 1990.
- 10- CASTRO, Rui. **O Anjo Pornográfico.** Companhia das Letras, São Paulo, 1992.

*** Aluna do Bacharelado em História (UNIR)**
Membro do CEI-UNIR

ESPAÇO POLÊMICA (*)

Por Uma Ciência Libertadora

Everaldo Quilice Gonzales**
Ene Glória da Silveira*

Resumo:

A cada conceito ou a cada definição, a ciência é apresentada ou se revela como a filha rapace do capitalismo. Todo o ódio que tais pensadores nutrem pela sociedade industrial moderna, extravasam de forma implacável na ciência. A ciência torna-se a vilã de tudo: a responsável pela bomba atômica, pelas atrocidades do homem, pela alienação dos. Einstein criou a teoria da relatividade para demonstrar também que a ciência não tem pretensões de absoluto. Mas nem por isso seu pensamento fora acientífico. Heidegger, considerado por muitos como a última palavra da filosofia moderna, alertava para a importância de se abandonar não a ciência ou o pensamento científico, mas sim a ciência da sociedade industrial, a ciência do *holtzweg*, dos caminhos prontos, que só alimentam a tirania, a alienação das massas e o terror dos Estados modernos.

Palavras-Chave: Ciência, Estado e Filosofia.

Abstract:

To each concept or each definition, the science is presented or it is revealed as the rapacious daughter of the capitalism. All the hate that such thinkers nurture for the modern industrial society, they extravasate in an implacable way in the science. The science becomes the villainous of everything: the responsible for the atomic bomb, for the man's cruelties, for the alienation of the. Einstein created the theory of the relativity to also demonstrate that the science não has pretensions of absolute. But nor for that your thought had been acientífico. Heidegger, considered by many as the last word of the modern philosophy, it alerted for the importance of abandoning the science or the scientific thought not, but the science of the industrial society, the science of the *holtzweg*, of the ready roads, that only feed the tyranny, the alienation of the masses and the terror of the States modern.

Key-Words: Science, State and Philosophy.

Não há nada mais comum e errôneo, nos dias atuais, que encontrar argumentos que confundem ciência e capitalismo. A cada conceito ou a cada definição, a ciência é apresentada ou se revela como a filha rapace do capitalismo. Todo o ódio que tais pensadores nutrem pela sociedade industrial moderna, extravasam de forma implacável na ciência. A ciência torna-se a vilã de tudo: a responsável pela bomba atômica, pelas atrocidades do homem, pela alienação dos operários. A culpada pelos crimes contra o meio ambiente, pelos genocídios e lenocídios como se a ciência relamente fosse a causa de tudo o que há de ruim e amoral.

Que dizer a esses ideólogos que ignoram que a ciência é filha do espírito grego, inspiradora das reflexões de Platão e arauta das conclusões de Aristóteles? Como explicar que os maiores gênios da humanidade e da idade contemporânea foram cientistas que lutaram para demonstrar que a visão capitalista da ciência criava uma falsa ciência, aprisionadora do homem? Acaso não foi essa lição que nos legaram Marx, Einstein ou Heidegger?

Marx chegou a admitir que a única ciência que possui história própria, é a própria história (in *A ideologia Alemã*). Demonstrou que se existe uma coisa no mundo que possui rigor e lógica, é exatamente o homem e sua história: *o homem faz a história, ao mesmo tempo em que é feito por ela*. Ao fazer a história, o homem criou modos de produção próprios de cada período histórico e assim, propiciou uma visão científica de sua própria aventura.

Einstein criou a teoria da relatividade para demonstrar também que a ciência não tem pretensões de absoluto. Mas nem por isso seu pensamento fora acientífico.

Heidegger, considerado por muitos como a última palavra da filosofia moderna, alertava para a importância de se abandonar não a ciência ou o pensamento científico, mas sim a ciência da sociedade industrial, a ciência do

holtzweg, dos caminhos prontos, que só alimentam a tirania, a alienação das massas e o terror dos Estados modernos.

Assim quando se fala em ciência, há que se perguntar: qual ciência? Acaso seria a ciência funcionalista, que a tudo objetifica, que só possui uma razão acumuladora, a serviço da moderna sociedade industrial? Acaso seria a ciência das classes dominantes, a ciência que corrobora por uma desumanização invisível do homem?

Certamente que não!

Queremos antes a ciência humanista de Marx, que desmistificou a lógica da acumulação capitalista e da alienação industrial.

Queremos antes a ciência relativista de Einsten, sem pretensões de absoluto, e que nos propiciou a consciência de nossas limitações.

Queremos sim a ciência que deriva de uma reflexão lúcida de Heidegger, a serviço da liberdade do homem e não sua escravidão.

Lembremos sempre: Marx não é o responsável pelo stalinismo, assim como Jesus não é o responsável pelo franquismo ou Nitsche pelo nazismo. O importante é que tenhamos consciência de como as idéias e a ciência foram desvirtuadas e utilizadas pelo capitalismo ou pelas mais diversas formas de tirania.

Fora da ciência e do pensamento científico, só nos espera a barbárie, a fé cega das religiões e o retrocesso da humanidade. Na ciência está o exercício da cidadania, a solução de boa parte de nossas angústias, a própria essência do homem.

**** Prof. Dr. do Curso de Pós-Graduação em Direito da UNIMEP/Piracicaba/São Paulo.**

*** Prof. Ms. do Depto de Geografia / UNIR. Doutorando em "Geologia Regional" / UNESP de Rio Claro.**

(*) o quadro "Polêmica" trata-se de espaço destinado à artigos que referem-se à trabalhos já publicados neste BOLETIM, funcionando como contraponto